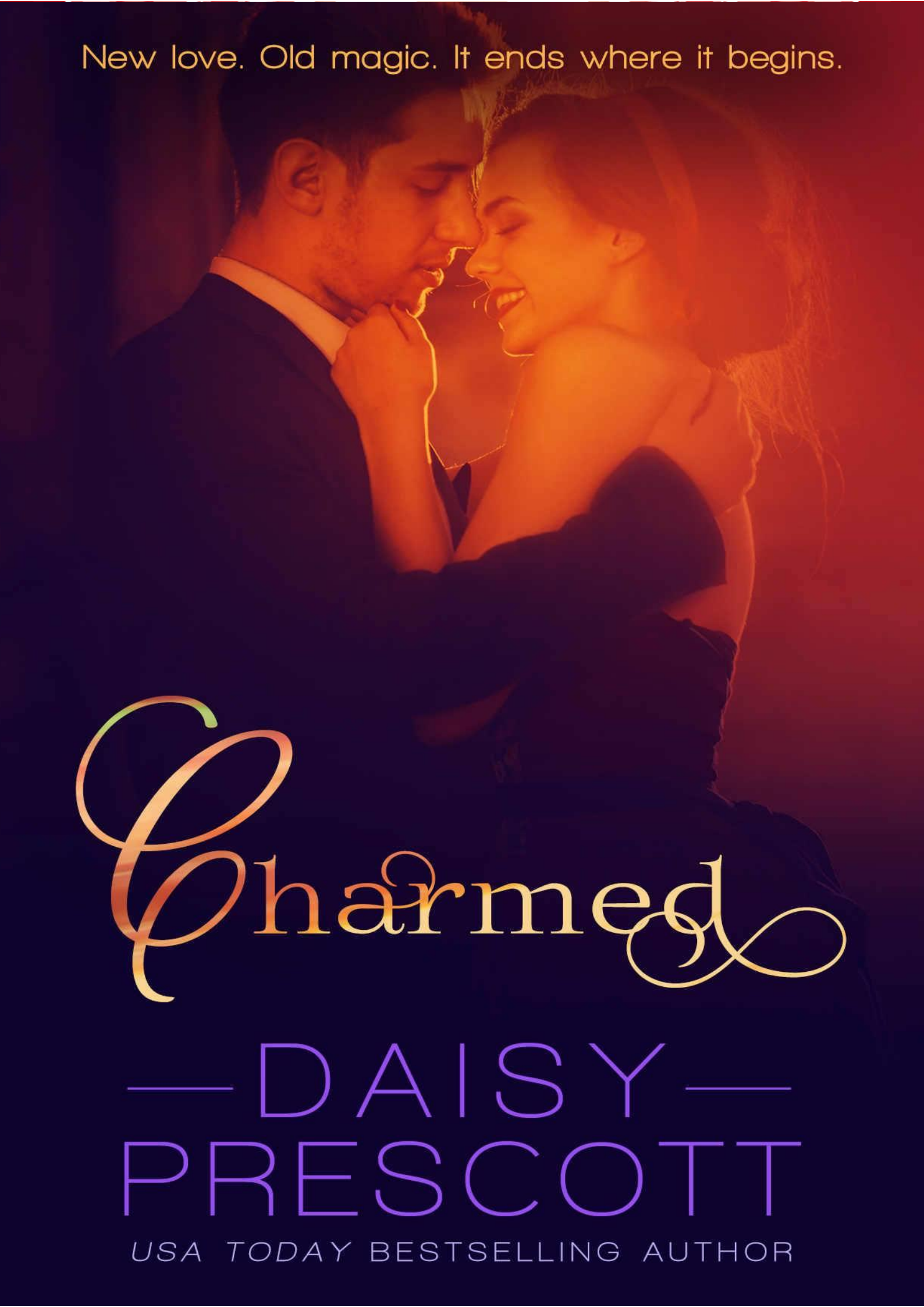
New love. Old magic. It ends where it begins.



Charmed

DAISY PRESCOTT

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR


É TEMPO DE CELEBRAR!
1 ANO WAS!



TRADUÇÃO: MIKA HANAZUKI

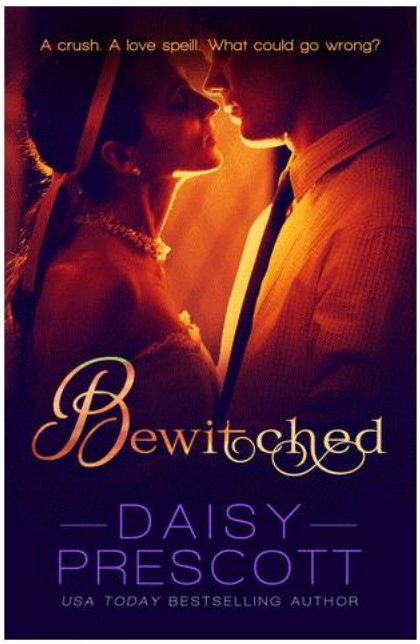
REVISÃO INICIAL: MIKA HANAZUKI

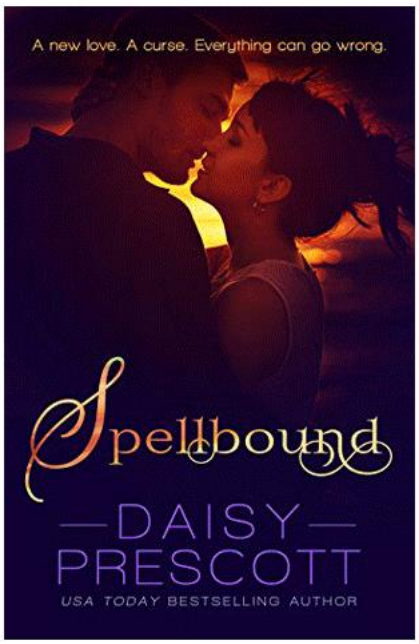
REVISÃO FINAL: AURORA WINGS

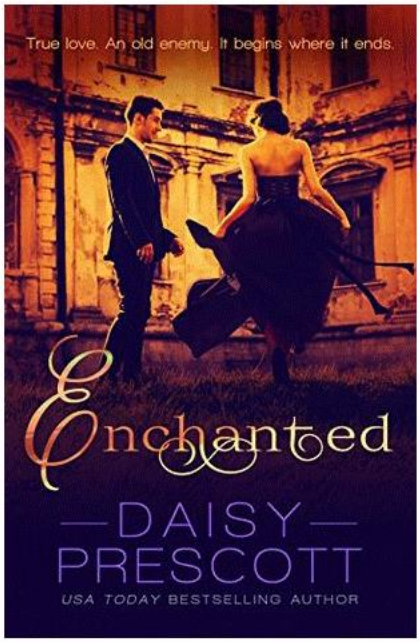
LEITURA FINAL: SERAPH WINGS

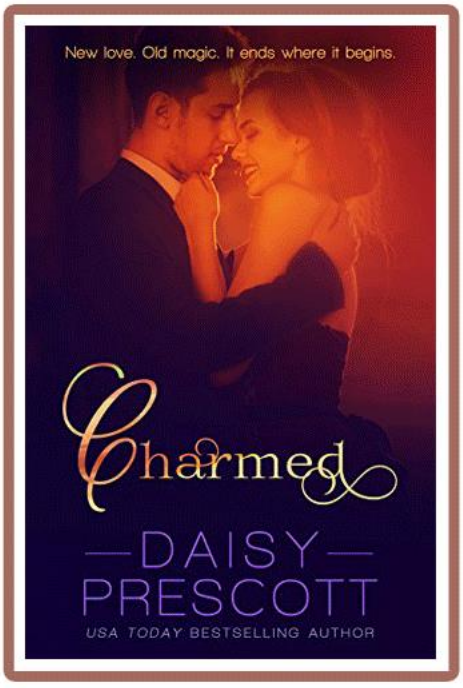
FORMATAÇÃO: AURORA WINGS

SÉRIE BEWITCHED
DAISY PRESCOTT









WARRIORS ANGELS OF SIN
WAS
TRADUÇÕES

AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Maldições, magias e bruxas.

Ah e fantasmas. Não posso esquecer os fantasmas.

É o meu novo normal.

Aparentemente, me apaixonar por um bruxo não é a coisa mais louca acontecendo na minha vida. Em vez de sair para namorar, Andrew e eu saímos para reuniões do coven e aprendemos a proteger um livro secreto de forças nefastas. Distinguir amigo de inimigo está se tornando mais desafiador à medida que novas alianças são formadas e antigos laços são expostos.

Em quem uma garota pode confiar quando seu namorado é um bruxo e seu mais novo aliado é um fantasma?

Velha magia. Novo amor. Termina onde começa.

Capítulo Um

De onde *paramos* em *Enchanted*...

— Fantasmas, feitiços, maldições, visões e livros de magia? — Eu divago sobre uma lista de tudo que eu encontrei na minha vida desde o Halloween.

— Fantasmas? Isso é delicioso, — diz o Sr. Bishop secamente.

Sam e eu fixamos os olhares e ela começa a rir. — O que há nesses brownies, Martha? Ervas mágicas?

Tate ri. Quando Sam olha para ele, ele levanta as mãos. — Não é coisa minha. Algumas coisas são apenas engraçadas.

— Acho que esta noite pede champanhe, — sugere Martha.

Meu queixo cai com descrença. — O que estamos celebrando?

— Por um lado, champanhe é sempre uma coisa boa e eu suspeito que os Winthrops tenham uma ou duas garrafas muito boas na adega. Em segundo lugar, estamos brindando a vocês quatro.

— Por quê? — Sam pergunta, vocalizando minha mesma pergunta.

— Vocês são a próxima geração do coven de Salem. — O orgulho brilha nos olhos de Sarah enquanto ela se concentra em Andrew, Tate, Sam e, finalmente, eu.

Andrew olha para mim. — Eu tentei te avisar. A vida nunca será chata comigo. Você está pronta para tudo isso?

Minha decisão é automática. Este é meu destino, meu futuro é com ele. Seja o que for que signifique.

Assentindo, fico na ponta dos pés. Em resposta, ele pressiona o beijo mais suave na minha boca.

Enquanto nos agarramos um ao outro, eu olho em volta da sala para esse improvável grupo... de bruxas.

Nós poderíamos estar tendo uma reunião do clube do livro. E de certa forma, acho que estamos.

Em algum lugar do lado de fora espreita o nosso inimigo, talvez um coven inteiro de velhos inimigos que nos desejam mal. O equilíbrio entre o bem e o mal está novamente em risco.

* * *

Sarah nos declarou um coven.

Coven como um grupo de bruxas.

Eu bebo meu champanhe enquanto o significado por trás da palavra se instala em meu cérebro. Ao meu redor, os bruxos mais velhos conversam e comem brownies *sem-magia*. A Sra. Howe está sentada na cadeira mais próxima do fogo, as mãos ocupadas com tricô. Eu diria que é estranho que ela imediatamente começou a tricotar e até mesmo carrega novelos com ela, mas ela é a coisa menos estranha da noite.

Os Wardwells conversam com as irmãs Parrish. Eles parecem terem vindo de uma 'festa do suéter festivo mais feio', mas eu suspeito que suas roupas não sejam irônicas. Do outro lado da sala, as irmãs Good conversam com o Sr. Bishop. Tenho certeza que estão flertando com ele, pelo jeito que continuam tocando os braços dele.

As vozes criam um zumbido baixo na biblioteca formal da mansão da família de Tate. O fogo de Andrew aquece a sala e lança seu brilho alaranjado sobre os ricos sofás de couro e paredes cobertas de estantes. Chamas cintilam no cristal cortado da minha taça de champanhe.

Meu namorado apoia-se na parede, ouvindo atentamente o grisalho Sr. Bishop. Pelo menos Andrew parece estar envolvido em tudo o que o homem mais velho está dizendo, até que ele esconde um bocejo atrás de sua mão. Seus olhos azuis claros se encontram com os meus, e seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso destinado apenas para mim, enviando calor pelo meu peito. Com um único olhar, ele pode me fazer sentir como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo.

Andrew não é só meu namorado, ele é um bruxo, de uma longa linhagem de bruxas poderosas. Aparentemente, eu também sou. Por toda a minha vida eu soube sobre meus ancestrais de Salem, mas supus que eles eram inocentes presos na infame histeria. Não bruxas reais que poderiam criar feitiços e realizar magia.

Como o fogo que Andrew acendeu há alguns instantes na grande lareira de pedra. Só com as mãos. E magia.

Porque em que mundo essas coisas realmente existem?

Elas existem no meu.

Usando minha mão direita, belisco meu braço esquerdo ao ponto da dor, para ter certeza de que estou acordada e este não é

um sonho estranho, estrelado pela minha antiga paixonite e um bando de praticantes de magia de meia-idade.

Eu esfrego a marca vermelha no meu braço. Não estou dormindo.

Para não surtar, faço uma lista mental das partes da minha vida que continuam as mesmas desde o Halloween:

Eu ainda sou caloura no Hawthorne College.

Especializando-me em negócios e inglês.

Mulher com cabelo e olhos castanhos.

Falsa corredora.

Amante de chocolate.

Apaixonada por Andrew Wildes.

Filha única de pais tediosos e bem casados, que tenho noventa e nove vírgula nove por cento de certeza não serem bruxos. Então, novamente, na semana passada eu teria dito a mesma coisa sobre a minha avó.

A mulher que me ensinou a cozinhar e me fez capinar durante o verão, tem guardado sepulturas não marcadas de nossos antepassados sob as mesmas hortênsias onde a capina mencionada ocorreu.

Definitivamente não sabia disso até hoje cedo.

Não só a fazenda da família é protegida por magia antiga, minha avó favorita tem magia em ambos os ramos de sua árvore genealógica.

E, evidentemente, ela tem um senso de humor negro, me fazendo capinar as sepulturas da família.

Todas as vezes que ela me mandou para o escuro e assustador porão, acho que estava me testando. Não só estava me empurrando, para enfrentar meus medos irracionais de teias e aranhas, mas ela suspeitava que eu tivesse herdado os genes de magia da família, mas não do tipo jeans fofo de "Quatro Amigas e Um Jeans Viajante[1]".

O que deveria ser um fim de semana divertido, comendo biscoitos de natal e jogando jogos de tabuleiro, aconchegados pelo fogo, se transformou em um dos fins de semana mais estranhos da minha vida. E isso é dizer algo, dado que no Halloween, minha paixão, agora meu estonteante namorado Andrew, acendeu uma fogueira sem fósforo ou isqueiro.

Faz menos de dois meses. Agora aqui estou, sentada em uma sala cheia de homens e mulheres de meia-idade, bebendo champanhe caro em taças sofisticadas e brindando aos covens.

Procurando na sala pela minha melhor amiga, Sam, eu encontro o olhar de Tate. Ele levanta uma sobrancelha loira em questão. Com seus dreadlocks, capuz desgastado e jeans desleixados, parece ter saído das ruas, mas essa mansão está na família dele provavelmente a mais tempo do que a fazenda tem estado na minha. Você nunca imaginaria que ele fosse um Winthrop, herdeiro dos *Winthrops.* Não por sua atitude descontraída ou sua aparência exterior.

---

[1] Quatro Amigas e Um Jeans Viajante é um filme dos EUA, onde a calça jeans serve em qualquer pessoa.

Em resposta a sua pergunta silenciosa, eu arregalo meus olhos.

Com um aceno, ele esgueira-se até o meu lugar em um dos sofás longos.

— Cabeça prestes a explodir ainda? — Afundando ao meu lado, ele coloca o braço em volta do meu ombro. Instantaneamente me sinto mais calma.

Tate é um empata. Capaz de absorver e projetar emoções, ele também é o Assistente Residente no dormitório, meu e de Sam. Um tipo de trabalho perfeito para ele.

— É muito para processar. Bruxas, fantasmas, covens e maldições... oh meu! — Eu adiciono um impulso extra à minha voz para fingir algum entusiasmo.

Certo. Eu me esqueci de mencionar os fantasmas.

De acordo com Sarah, a mãe de Andrew, toda bruxa tem uma habilidade única. Alguns, como Andrew, podem controlar os elementos. Fazendo a chuva parar, começar fogo e cair neve.

Outros, como Tate, lidam mais com os domínios emocional e interno.

E eu?

Eu posso ver o passado.

Eu não tenho ideia do que isso realmente significa, dado que descobri nas últimas doze horas. Tudo o que sei é que quando chegamos à propriedade Winthrop, vi duas pessoas chiques, mas em roupas antigas, e elas me levaram para uma sala secreta atrás de um painel escondido, onde encontramos um livro que vi pela primeira

vez em uma visão na fazenda de minha avó. Não apenas qualquer livro, mas um que contém nossa história e nossos segredos.

Não foi assim que imaginei passar o sábado. Definitivamente não estava esperando visões fantasmagóricas quando acordei esta manhã.

Ninguém mais viu ou ouviu os fantasmas. Ou a enorme árvore de Natal de verdade no vestíbulo, coberta de decorações prateadas e minúsculas velas cônicas.

Piscando, eu olho para o hall de entrada vazio. Nem uma partícula de alegria natalina decora um único canto desta enorme casa. Mas se eu deixar meus olhos perder o foco, uma luz azul brilha nas bordas da minha visão. Um gigantesco abeto nobre brilha no centro do piso de mármore e notas suaves de música flutuam na sala. O cheiro de sempre-vivas reais permanece no ar. Sob o pinheiro fresco, a fumaça das velas faz cócegas no meu nariz.

Com um sacudir de cabeça, me trago de volta ao presente. Tudo desaparece novamente.

Eu tomo um gole de champanhe antes de perguntar a Tate: — Por que sua família não decora a casa para os feriados? É uma casa tão bonita. Eu achei que você gostaria que todos se reunissem aqui já que há espaço para muitas pessoas.

— Você respondeu sua própria pergunta. Muitos Winthrops em um lugar terminou em guerras legítimas antes.

Olhando para ele, meu queixo cai aberto.

— Nada importante. Principalmente pequenas escaramuças com poucas mortes. — Ele pisca para mim. — Em grande parte.

— Eu não posso dizer se você está brincando, — murmuro, estudando seu rosto por um cacoete ou tique.

— Infelizmente, não estou. É uma história longa e sórdida, alimentada pela ganância, luxúria e ciúmes.

— Soa como a sinopse de um romance histórico ou saga, ambientado em um reino a muito perdido e muito distante.

— Algum dia quando você for mais velha, eu vou te contar mais. — Ele se senta ereto, afastando o braço.

— Ha, ha. Eu sou um ano mais nova que você e uma adulta. — Minha voz soa como uma criança amuada.

— Sobre o que vocês dois estão conversando? — Andrew desliza entre mim e o braço do sofá.

— A falta de espírito natalino Winthrop, — responde Tate, secamente.

— E fantasmas do Natal passado, — acrescento, um pouco relutante. Falar sobre fantasmas me faz parecer maluca.

— Como eles se pareciam? — Perplexo, Tate pergunta. — Talvez eu possa descobrir quais parentes nos ajudaram. Pode ser bom saber para referência futura.

— Ambos tinham cabelos escuros. O dele estava todo penteado para trás e o dela estava torcido em um coque chique. Ele usava um smoking e ela usava um longo vestido preto.

— Mais alguma coisa? — Andrew pergunta.

— O perfume dela. Ela cheirava a rosas-chá. Eu conheço o cheiro porque vovó usa a mesma coisa. — Eu paro na conexão. — Não poderia ser ela, porque ela ainda está viva, certo?

Ambos os caras permanecem em silêncio.

— Não é *impossível*, — Tate fala primeiro. — Não sabemos se eram fantasmas ou projeções.

— Há uma diferença? — Há tanta coisa que eu não sei sobre esse mundo.

Andrew me dá um sorriso suave. — Vou explicar mais em outro momento, mas sim, há uma diferença.

Tate pigarreia. — Não a sobrecarregue. Você se lembra de mais alguma coisa que poderia nos ajudar a localizá-los?

Fechando meus olhos, tento me lembrar de quaisquer outros detalhes. — A casa não tinha eletricidade. Iluminação a gás no exterior. Velas por toda parte, até mesmo na árvore, o que parece ser um grande risco de incêndio.

— Ahh, isso nos coloca no início do século XIX. — Sarah se aproxima do nosso pequeno grupo.

— Eu não acho que o vestido dela era tão antigo. — Imagens de personagens de Jane Austen voam através da minha memória antes de eu abrir os olhos — Definitivamente mais do século XX, moderno.

— Os Winthrops gostam de tradição. É possível que eles resistissem a toda modernidade, a baboseira de corrente alternada, que seus vizinhos adquiriram. Deixe-me verificar quando a casa foi eletrificada.

— Ou é possível que Madison possa ver várias camadas do passado de uma só vez, — diz Andrew, parecendo intrigado. — No porão da fazenda, você viu o presente e o passado?

— Tudo meio que borrado juntos. Além do mobiliário aleatório e das prateleiras mais novas, o resto não havia mudado.

Sarah senta-se na mesinha de café à nossa frente. — Sei que suas habilidades se concentram em conectar o passado e o presente, mas estou impressionada com o quão bem você lidou com essa nova informação. Você está sendo incrível.

Mesmo se ela não fosse a mãe de Andrew, eu seria uma grande fã de Sarah. Vestida toda em preto, mas legal, sem morbidez, ela puxa um pauzinho de seu coque bagunçado antes de rearranjar seu cabelo escuro. Andrew herdou o cabelo escuro e os impressionantes olhos azuis gelados.

Martha se arrasta ao lado de Sarah na mesa de café. Dona do meu café favorito, O Livro Negro, Martha emana calor e conforto. — Onde está o bom professor esta noite? Ele não recebeu a mensagem de código preto?

— Dr. Philips? — Tenho certeza de que ela fala do meu professor de inglês. — Ele disse que tinha ingressos para o Quebra-Nozes.

— Ele disse? — Martha dá a Sarah um olhar cético de canto de olho.

— Ele mencionou isso em sala de aula quando nos repreendeu por não entregar nossos últimos trabalhos, — explica Andrew. — Eu nunca soube que ele era fã de balé.

Sarah escovas migalhas de brownie imaginárias de sua saia. — Tradições de feriado são agradáveis. Sempre adorei ir a Boston para ver as luzes de Natal.

Martha pega sua mudança aleatória de assunto. — Quando menina, o que eu mais gostava de fazer era patinar no Frog Pond[2] público, depois tomar um chocolate quente.

As duas relembram suas memórias favoritas de Natal, mas a conversa despreocupada não apaga o desconforto no meu peito.

Andrew desliza a mão sobre a minha e aperta. Inclinando-se o suficiente, sua respiração roça no meu ouvido quando ele sussurra: — Podemos confiar no Philips. Ele é meu padrinho.

Permanecendo em silêncio, dou-lhe um pequeno aceno de cabeça. Eu não tenho cem por cento de certeza. Fora ele, Tate, Sam, minha avó, Sarah e Martha, não confio plenamente em ninguém.

Se eu não sei completamente quem ou o que eu sou, como posso ser um bom juiz sobre mais alguém?

— Dado que o livro está seguro e os encantamentos da casa permanecem, eu digo que nós apresentemos essa questão até o ano novo, idealmente até o Dia de Santa Brígida[3] em fevereiro. — A Sra.

---

[2] Frog Pond é um parque público em Boston, onde há patinação no inverno.

[3] As tradições duradouras **do dia** de St. **Brigid**. Celebrando Imbolc, o **dia** da deusa celta **Brigid,** que marca o começo da primavera. Uma tradição popular que continua em algumas casas no dia de St.**Brigid** (ou Imbolc) é a da **Brigid's** Bed.

Wardwell anuncia, embolsando um guardanapo cheio de brownies. — Feliz Yule[4] a todos.

Eu esqueci que hoje ainda é o solstício de inverno. O dia mais curto do ano parece o mais longo da minha vida.

Outros no grupo murmuram as bênçãos do solstício em resposta.

Sarah ergue o copo. — Para o retorno da luz e novos começos. Quão afortunados nós somos.

O grupo, o velho e o novo, bebem de seus copos. — O que é Dia de Santa Brígida? — Eu pergunto.

Sam se inclina contra o braço do sofá. — É na metade do inverno. Uma celebração para se preparar para a primavera.

Sarah sorri para ela. — Você será uma boa fonte para Madison enquanto ela navega nesse mundo.

Sam se interessou por Wicca e magia. Eu pensei que fosse uma fase passageira. Como calças de cintura alta. Talvez ela realmente tenha um sexto sentido. Ela está aceitando tudo isso muito bem, dado que só descobriu ontem que Andrew era um bruxo. Eu acho que o champanhe pode estar ajudando.

Sarah abaixa o copo vazio. — Agora, e não posso acreditar que estou dizendo isso, mas não podemos viver de champanhe e chocolate. Por que vocês não vêm para a minha casa, vou cozinhar algo e vamos conversar. Não adianta despejar toda a história do

[4] Yule festa medieval que comemorava a chegada do inverno; na língua inglesa significa em torno do natal; natalício.

mundo em você esta noite. Vamos passar pelo Natal e Ano Novo primeiro.

— Contanto que você não esteja fazendo aquele ensopado de quinoa e couve novamente. — Andrew faz um pequeno som de engasgo com a garganta.

Sarah franze a testa. — Ponto feito. Definitivamente não foi um dos meus melhores. Acho que combinei a receita de ensopado com um feitiço de vinculação.

Ir para a casa da mãe do meu namorado? Totalmente normal.

Discutir fantasmas, livros secretos e ameaças de magia negra? Não tão normal.

É assim que esta nova vida vai ser? Normal, mas com uma surpresa?

Uma ideia horrível surge na minha cabeça. Eu sussurro para Andrew, minha voz tremendo, — Eu vou ser capaz de ver todos os fantasmas agora?

Sua mão aperta a minha. — Eu não sei.

Não era a resposta que eu queria.

— Provavelmente não. Você só viu o casal e estava se concentrando. Você vê algum fantasma agora?

Balançando a cabeça, espio pela sala. Nenhuma luz azul e nada brilhando nos cantos.

Eu abro minha boca para falar quando a porta da frente se abre. Ar gelado escova minha bochecha. Toda a conversa cessa e a

sala fica em silêncio. Risos como pequenos sinos ecoam pelo corredor.

Capítulo Dois

O riso ecoa do corredor enquanto o ar frio da porta aberta roça minha pele. — Você ouviu isso? — Eu pergunto a ninguém, minha voz mal acima de um sussurro.

— Não, mas eu senti alguma coisa, — Tate responde baixinho, os olhos fixos na porta do vestíbulo. — Algo sombrio.

— Sombrio? — Eu pergunto, surpresa. — Eu ouvi risadas. As mesmas de quando chegamos.

Ele passa a mão sobre seus dreadlocks. — Interessante. O que eu experimentei foi um flash rápido de pânico nervoso. Como se alguém fosse pego fazendo algo proibido.

— Eu acho que nosso casal correu pelo corredor novamente. — Eu inclino minha cabeça em direção à parede atrás de nós, onde a sala secreta está por trás de um painel escondido. Aquele que o casal fantasma nos mostrou mais cedo. — Mesma direção de antes.

— Alguém vai me convidar para entrar em casa? Eu vejo a linha do sal e quero ser uma boa visita. — A voz do professor Philips vem da porta da frente.

— Eu pensei que ele estava no balé, — murmura Martha, de pé e de frente para a entrada. Ao contrário do coque bagunçado de Sarah com pauzinhos, o cabelo grisalho de Martha é mais um ninho coroando sua cabeça. Ela aperta a mão no ombro de Sarah. — Não se incomode em se levantar. Eu vou cumprimentá-lo.

Tate fica de pé e se estica a toda a sua altura. Com mais de um metro e oitenta, ele se eleva acima de Martha, mais redonda que alta. Erguendo os ombros, ele parece ainda mais alto. Com um tom seco que cheira a formalidade, ele diz: — Minha casa, eu farei as honras.

Pela primeira vez, percebo quão bem Tate pode jogar o jogo da sociedade.

Andrew o segue até a porta da frente. Quando eles saem da vista, eu me inclino para frente para mantê-los à vista.

— Professor Philips, entre. Nós não estávamos esperando por você. — As palavras de Tate são amigáveis, mas neutras. — O Quebra-Nozes já acabou?

Uma voz baixa e mal-humorada responde. — Eu nunca fico para o segundo ato. Todo o enredo ocorre na primeira parte. O resto é apenas só danças e giros. Girando, girando, girando. — Ao entrar na biblioteca, Philips desenha círculos com o dedo indicador. — É excessivo.

Sarah se levanta da mesa de café. Quando ela passa por mim, dá um leve aperto no meu ombro. — Eu suponho que você recebeu nossas mensagens?

— Meu telefone começou a apitar como o de um adolescente assim que eu o liguei. Código negro? — Philips olha ao redor da sala. — Ninguém parece estar morrendo e a casa ainda está de pé. Uma reação um pouco extrema, você não acha?

— Nós tivemos uma dose de excitação. — Martha o contorna e se move para o centro da sala antes de chamar minha atenção. Pressionando o dedo indicador nos lábios, ela balança a cabeça, avisando-me para não falar.

Philips tira o sobretudo antiquado e escova o cabelo grisalho numa tentativa de ordená-lo. — Vamos ver, estamos sentindo falta de alguém? Alguém se transformou em sapo ou salamandra?

— Isso é possível? — Sam sussurra para Tate.

Com seu foco em Philips, Tate balança a cabeça antes de falar baixinho. — Apenas rumores antigos. Eu nunca vi isso com meus próprios olhos.

Pegando o olhar de Andrew, eu arregalo meus olhos.

Seu encolher de ombros não me tranquiliza.

Eu sei que eu costumava brincar sobre beijar sapos e esperar que eles se transformassem em príncipes, mas eu não considerava a transmogrificação[5] real.

Dado a alguns caras que conheço, gostaria de saber se funciona ao contrário.

Como talvez Hamilton, meu arrependimento de caloura, realmente seja um menino sapo.

Com um sacudir de cabeça, eu descarto o pensamento. Muito horripilante pensar que beijei um sapo real disfarçado de humano.

---

[5] Transmogrificação é quando um item adquire a aparência de outro item. A mudança é somente estética pois os atributos continuam os mesmos.

Pobre Lucy. Ela está completamente apaixonada por ele. Mas pensando bem, ela é tão superficial e desagradável quanto ele, a combinação perfeita.

Andrew entra na minha linha de visão. — O que você está pensando? Seu rosto está todo franzido e parece que você chupou um limão.

— Lembra quando você adotou a personalidade de Hamilton e se transformou em um idiota?

Ele assente. — Não é o meu melhor momento na vida.

— O comentário de Philips sobre alguém ter sido transformado em salamandra me fez pensar.

Com uma inclinação de cabeça, Andrew me encoraja a continuar.

— É possível para uma bruxa transformar um sapo em humano? — Falado em voz alta, minha pergunta parece louca para os meus próprios ouvidos. — Deixa pra lá. Isso é ridículo.

— Transmogrificação não funciona dessa maneira. E mesmo se Luke Hamilton passar a vida funcionando principalmente com seu cérebro de lagarto, com certeza ele tem pais humanos.

Eu ri da sua segurança. — Pobre Lucy.

— Lucy? — Sra. Howe pergunta de seu lugar perto do fogo. Sua voz rouca faz parecer que ela fumou a maior parte de sua vida. Ela poderia ser uma bem preservada setentona ou uma cinquentona de vida difícil. Eu não posso dizer pelo seu rosto, seu fofo cabelo loiro, torcido e levantado com um clipe, não me dá uma pista

também. Grandes óculos de aro de tartaruga em uma elegante corrente de ouro emolduram seus olhos pálidos. Em um suéter vermelho brilhante e calças pretas, ela é elegante sem revelar sua idade. — Minha neta, Lucy, tem a sua idade.

A boca de Sam se abre. — Ela estuda em Hawthorne?

Sra. Howe assente. — Eu acredito que ela é uma caloura.

Queimando meu cérebro, eu tento pensar no sobrenome de Lucy. Eu não acho que seja Howe, mas deu um branco.

O cérebro de Sam deve funcionar mais rápido que o meu. Sua voz vacila com o choque. — Lucy Putnam é sua neta?

— Lucy é uma bruxa? — Eu deixo escapar.

Sam torce as mãos. — Eu não sabia. Ela me pediu para fazer uma leitura de tarô para ela no início do semestre passado. E eu tive que comprar novas cartas depois. Eu deveria saber.

Sarah coloca o braço em Sam em um gesto maternal. — Você não sabia que a verdadeira magia existia então. Como você poderia saber?

Sam pisca de volta a emoção em seus olhos e fala com a Sra. Howe. — Sinto muito em dizer isso, mas a energia dela arruinou minhas cartas. Nunca me aconteceu isso antes.

Os lábios da Sra. Howe formam uma linha fina enquanto ela franze a testa, mas permanece em silêncio.

Philips ocupa um lugar à esquerda da cadeira, ao lado da lareira. Exageradamente esfregando as mãos no calor das chamas, ele comenta sobre a úmida noite de inverno. Seu corpo treme

enquanto ele rola seus ombros. — Essas casas antigas parecem nunca aquecer, não é?

— Muito sem sentido? — Tate sussurra em voz baixa.

— Os Putnams? — pergunta Andrew, inclinando-se para apoiar os cotovelos nos joelhos.

Sra. Howe suspira. — Infelizmente sim. Você pode imaginar um Howe se casando em uma família notória de acusadores? Nunca me senti mais envergonhada.

— Agora, Marjorie, não há nada para se envergonhar. Não podemos evitar por quem nos apaixonamos. — Sarah usa um tom suave para tranquilizar a sra. Howe. — Olhe para mim.

À menção do seu pai, Andrew solta um longo suspiro e passa as mãos pelos cabelos. Não consigo imaginar que o pai de Lucy seja tão terrível quanto Stanford.

— Eu acredito que eles pertencem ao mesmo clube em Boston. — Sra. Howe tira os óculos e esfrega seus dedinhos no nariz. — E ele ainda é casado com minha filha.

Pelo menos Sarah se divorciou do pai de Andrew há muito tempo.

— Lucy sabe? — Eu pergunto.

— A história da sua família? Claro. Você sabe como nós negociamos herança familiar na Nova Inglaterra como moeda. Ter uma linhagem que remota ao século XVII é um ponto de orgulho. Como você deve saber, senhorita Bradbury.

Eu concordo com o ponto dela, mas ela entendeu mal a minha pergunta. — Peço desculpas. Eu não fui clara. Lucy sabe que é uma bruxa?

Espalhados pela sala, o restante do coven está escutando silenciosamente nossa conversa. Todo mundo muda sua atenção para a Sra. Howe. O Dr. Philips limpa a garganta e apoia a mão nas costas da cadeira.

— Não tenho certeza. Nós não somos próximas. Eu não falo com minha filha há vários anos. — A emoção obstrui sua garganta. — Eu não poderia dizer se Lucy percebeu seus poderes ou foi dito que eles existem.

— Quantos anos ela tem? — Pergunta Martha.

— Ela tem vinte e um anos, mas não somos exatamente... amigas. — Minha pausa diz mais do que minha tentativa de diplomacia.

— Eu acredito que ela é a namorada do ex-amado da Srta. Bradbury. — Dr. Philips me dá uma piscadela conspiratória.

— Um triângulo amoroso? — Pergunta Martha, divertida.

— Não há amor entre Hamilton e eu. Nenhuma razão para ter ciúmes de Lucy. — Eu engulo de volta meu desgosto pela sugestão de Philip. — Confie em mim.

Andrew ri ao meu lado. — Você deveria acreditar nela.

Sarah ri e parece que está perto de roncar. — Esta não é uma novela.

— Querida criança, — a sra. Howe a repreende. — Durante séculos essas famílias foram criando drama. Shakespeare empalidece em comparação com as comédias e tragédias de nossas histórias.

— Completo com fantasmas e maldições, — diz Sam.

A atenção do Dr. Philip se vira para ela. — Me conte.

Sam arregala os olhos para mim em um silencioso — Me salve.

— Não se esqueça das guerras e pactos nefastos. — Tate ignora o pedido de Philip, salvando Sam de responder.

Minha boca está meio aberta para mudar de assunto quando o telefone de Tate toca, me interrompendo.

Puxando o telefone do bolso, ele franze a testa. — É a empresa de segurança.

Pressionando a tela, ele se levanta. — Tate Winthrop. Sim. Espere um segundo.

Ele rapidamente sai da sala. Por causa das superfícies sólidas de mármore do foyer, sua voz abafada retorna para a biblioteca. — Treze, dezesseis, noventa e dois.

Isso é tudo que eu posso ouvir claramente, mas ele continua falando. O eco de seus passos cobre suas palavras.

— Parece que meu amor pelo balé me fez perder algumas revelações esta noite. Sarah, devemos tomar café e você pode me atualizar.

Sarah lhe dá um aceno de cabeça curto, sua postura permanece relaxada, mas sua voz não tem emoção quando ela fala. — Passe pela loja amanhã.

Se a mansão Winthrop e a fazenda de minha avó estiverem encantadas, imagino que a Spelling B, a loja de Sarah, deva ser igualmente protegida. Saber que ela confia em Philips o suficiente para fazer dele o padrinho de Andrew facilita minha mente. Um pouco.

Tate retorna e hesita na entrada da biblioteca. — Parece que um alarme silencioso foi acionado. E apesar de eu lhes dar meu nome, nosso código e responder a todas as perguntas de segurança corretamente, a polícia de Marblehead chegará a qualquer momento.

Sra. Howe levanta-se lentamente da cadeira. — Eu acredito que essa é minha deixa para sair. Obrigada por desempenhar o anfitrião na nossa festa improvisada. Nos vemos na noite de Santa Brígida.

Todo mundo segue sua sugestão. Sarah Wildes pode ser a bruxa mais poderosa de sua geração, mas Marjorie Howe é a matriarca do grupo. O Sr. Bishop se aproxima para colocar o braço em volta do cotovelo, afastando sutilmente o Dr. Philips do caminho.

Sarah e Martha se despedem quando Tate acompanha o resto ao lado de fora. Portas de carros fechando e motores ligando quebram o silêncio da casa. Um tronco desmorona em brasas na lareira de pedra, enviando algumas faíscas para cima da chaminé.

— Você sabia sobre esse alarme silencioso? — Eu pergunto a Andrew.

— Nós nunca o acionamos antes. — Ele anda ao redor da sala. — Normalmente, quando um alarme é ativado, a empresa de

segurança liga dentro de alguns minutos. Ninguém saiu da biblioteca desde que Philips chegou, então, a menos que haja um gatilho aqui, isso não faz sentido.

Eu verifico a hora no meu celular. Fazia algumas horas desde que entramos na sala secreta. Meu olhar se desloca para a parede da estante de livros.

— Por que o atraso? — Sam pergunta. — Se acionássemos algo, lasers ou espetos não teriam disparado das paredes?

— Você assistiu a muitos filmes de James Bond, — Andrew diz a ela, seus lábios lutando com um sorriso. — Tate também os ama. Você deveria pedir a ele uma farra de Netflix com você.

Ante a sugestão amigável de Andrew, as bochechas de Sam ficam ruborizadas. — Bom saber.

Poucos minutos depois, luzes vermelhas e azuis piscam através das grandes janelas enquanto o cascalho se agita sob os pneus da viatura policial.

— Pelo menos eles resistiram a usar a sirene, — Andrew bufa, seguindo em direção à porta. Sam e eu saímos de nossos assentos e o seguimos.

Um único carro está estacionado na garagem, com as luzes ainda piscando. O oficial de meia-idade que se aproxima da casa parece entediado e um pouco carrancudo.

— Sr. Winthrop, — ele cumprimenta Tate. — Tendo outra festa?

Tate ri. — Boa noite, Oficial Smith. Você vê algum carro ou ouve música? Pelo menos na minha experiência, quatro pessoas não constituem uma festa.

— Passei por vários carros a caminho daqui. — O policial ignora sua resposta sarcástica.

— A empresa de alarme disse algo sobre um disparo silencioso. — Tate ignora sua observação.

Andrew avança para flanquear seu amigo. Sam e eu estamos um pouco atrás deles na porta aberta.

— Poderia ser. Tudo o que sei é que respondi ao chamado para vir até aqui e ter certeza de que tudo está bem.

— Bem, aqui estamos nós. A casa está bem. Você já me conhece, então você pode confirmar com a estação que tudo está perfeito. — Tate abre os pés e cruza os braços.

— Se importa se eu entrar e dar uma olhada ao redor? — Pergunta o oficial. — É uma casa grande. Talvez uma janela tenha sido aberta sem o seu conhecimento. Poderia ser algo tão mínimo quanto um painel de vidro rachado pelo frio. Melhor prevenir do que remediar. Levará apenas alguns minutos para esclarecer as coisas e, então, podemos nos assegurar de que nada está errado.

Seu sorriso não alcança seus olhos quando ele se aproxima.

Uma latejar chato da minha enxaqueca anterior pulsa acima do meu olho. Pressionando um dedo contra o local, tento aliviar a dor. Eu estava sem dor o tempo todo dentro da casa.

Um calafrio desliza pela minha espinha.

Seria normal pedir para verificar as instalações, mas algo sobre o pedido formal para entrar me lembra da visita do pai de Andrew. Esse policial sabe sobre o encantamento da mansão Winthrop?

Uma sensação de calma me envolve como um cobertor quentinho enquanto Tate fala. — Isso não será necessário. Estamos prestes a sair e está ficando tarde. Vou garantir que o alarme principal esteja configurado e funcionando. Esteja à vontade para esperar e nos seguir para fora da propriedade.

Andrew avança. — Talvez você deva ligar para seus pais e o policial Smith possa falar com eles.

O policial pressiona os lábios em uma linha sombria. — Não, isso não será necessário. Vou esperar na viatura até você trancar.

Ninguém se move a principio. Sob a energia calmante de Tate, sinto minha luta ou meu instinto de fuga empurrar a adrenalina para a minha corrente sanguínea.

Tate descruza seus braços. — Nos dê dois minutos.

Andrew puxa meu cotovelo, me virando para encarar a porta.

Dentro, pegamos nossos casacos enquanto Tate cobre o fogo com uma tela. Nenhum de nós fala. Sam e eu mantemos uma conversa silenciosa com nossos olhos enquanto Tate continua espalhando calma sobre nós.

Quando as luzes estão apagadas, ficamos na porta da frente. Luzes azuis e vermelhas se agitam e pulsam ao redor do vestíbulo escurecido, lançando a sala em um brilho sinistro.

Esperando que Tate religue o alarme, concentro-me no casal fantasma. Silenciosamente, eu digo a eles para guardarem o livro para mim. Uma névoa azul pálida brilha nos cantos da minha visão. Eu ouço uma voz feminina dizer — Shh— antes de desaparecer em um som suave de sinos.

— Pronta? — Andrew pergunta, sua respiração quente na minha bochecha.

— Eu acho que sim. — Espero que o livro esteja seguro. Isso é tudo que posso fazer por agora.

Do lado de fora, Smith está sentado em seu carro, o motor ligado, mas felizmente ele desligou as luzes. Ele nos dá um breve aceno de cabeça.

Quando chegamos aos nossos carros, Tate vira as costas para o policial. — Provavelmente é melhor todos nós irmos para casa e esquecemos tudo isso até depois do Ano Novo. A casa está segura.

— Alarme silencioso? — pergunta Andrew, mantendo a boca o mais imóvel possível para o caso de Smith nos observar. — Algo novo?

— Eu mandei uma mensagem para meu pai antes do bom oficial chegar. — Tate olha por cima do ombro.

— Ele confirmou minha suspeita. Nenhum alarme silencioso foi acionado.

Eu inalo muito rapidamente e o ar gelado me faz tossir. Andrew dá um tapinha nas minhas costas. — Eu estou bem, —asseguro a ele, mas não posso fingir confiança para apoiar minhas palavras.

Ele descansa a palma entre minhas omoplatas. — É seguro, Madison. A casa vai protegê-lo mais do que qualquer sistema de alarme.

Eu quero acreditar em sua tranquilidade.

— Com essa mensagem, vamos sair daqui, — murmura Sam. — Eu quero dormir na minha própria cama. Acho que talvez acorde amanhã me lembrando de um sonho muito estranho.

Tate coloca o braço em volta dos ombros dela. — Não foi um sonho, mas tem sido uma noite estranha. Uma para por nos livros.

Andrew e eu gememos.

Tate ri antes de perguntar: — Muito cedo para trocadilhos?

—Cedo demais. — Sam balança a cabeça.

Eu percebo que tenho que dar adeus a Andrew. Nós não falamos sobre nos ver durante as férias e, de repente, apesar de tudo o que aconteceu nas últimas 48 horas, eu me sinto nervosa por estar separada dele.

Deslizando os dedos sob o meu queixo, ele chama minha atenção para seus olhos.

— Eu te ligo amanhã de manhã. — Ele abaixa a cabeça para sussurrar contra o meu ouvido. — Vou sentir saudades tuas. E vou sentir falta de acordar ao seu lado. Você pode me surpreender assim a qualquer momento.

Calor cobre minhas bochechas quando me lembro como eu escorreguei em sua cama na noite passada. — Foi hoje de manhã?

Ele acena antes de roçar os lábios contra os meus. — Tem sido um longo dia. Chegue em casa e mande mensagem que você chegou em segurança.

Eu digo a ele o mesmo antes de beijá-lo, um beijo de despedida de verdade.

Sam e Tate trocam um abraço, que dura um pouco mais do que amigável, antes que ela se junte a mim em seu carro. Andrew acena do banco do motorista do seu Audi.

Mantendo sua palavra, Smith nos segue pela longa entrada e pela cidade até cruzarmos a cidade de Salem. Antes de retornar, ele pisca os faróis e me pergunto se ele está sinalizando para alguém. Eu provavelmente estou apenas sendo paranoica, mas observo a estrada atrás de nós todo o caminho para casa.

Capítulo Três

Depois do fim do semestre mais estranho na minha vida, o Natal foi chato.

Felizmente. Passar as férias de inverno com meus pais sem fazer nada não poderia ter sido um melhor antídoto para a vida de 'loucura da magia' em Salem. As provas finais parecem uma vida atrás.

Algumas semanas com meus pais, comendo os cookies da mamãe e algumas séries na Netflix, era exatamente o que eu precisava.

Sem fantasmas, sem luz azul, sem visões e sem enxaquecas.

Várias vezes tentei ver as versões anteriores do meu quarto ou da sala de estar, mas nada mudou. Eu acho que uma casa construída em 1992 provavelmente não tem camadas do passado, a menos que estivesse sobre um antigo cemitério. A nossa não estava. Sim, eu verifiquei.

Uma grande desvantagem do mês passado: sem Andrew.

Eu senti falta dele, mas nós falamos pelo Facetime diariamente e quando não estávamos olhando um para o outro, trocamos mensagens.

Ainda assim, quatro semanas parecera uma eternidade. Em comparação, três anos tendo uma queda por Andrew passaram voando.

Os dormitórios abriram há duas semanas, mas eu mal vi Andrew. Nós não temos nenhuma aula juntos e ele tem estado ocupado administrando o drama da vida no dormitório como assistente residente. Somos como navios que se cruzam na noite, com algumas horas roubadas, quando podemos arranjá-las.

Esta tarde Sam e eu estamos caminhando pelas ruas nevadas de Salem porque Sarah nos convidou para ficar em sua casa.

Que também é a casa de Andrew.

Nós estaremos compartilhando um quarto. Sam e eu. Pelo menos é o que Sarah disse quando conversamos.

Pode ser estranho que a mãe do meu namorado me pediu para passar a noite antes do meu namorado pedir, mas estes são tempos estranhos.

Espero não andar dormindo novamente até o seu quarto.

Ou pior, entrar na cama da sua mãe e ficar de conchinha com ela. Se isso acontecer, vou finalmente descobrir se é possível morrer de constrangimento.

— Por que você está corando? — Sam pergunta enquanto caminhamos pelas ruas nevadas e estreitas de Salem, de onde estacionamos a poucos quarteirões da casa de Sarah.

— Eu não estou. É o frio. Vê? Parece que estou chorando também, mas meus olhos estão vazando lágrimas na tentativa de evitar o congelamento. — Apontando para o espaço estreito de pele que aparece entre minha testa e minha boca, lamento em

reclamação. — Por que está tão frio? Eu preciso de uma daquelas máscaras de esqui à moda antiga.

— Não tenho certeza se Andrew está interessado nesse look de ladrão. — Ela levanta a bolsa mais acima do ombro. — Ele é do tipo sombrio e melancólico, então, talvez a encenação seja uma coisa dele. Embora eu ache que ele seja mais do tipo vampiro e donzela do que policiais e ladrões.

— Exceto que são bruxos, não vampiros. Eu não acho que sanguessugas realmente existam. — Eu franzo a testa ao pensar que outros seres paranormais andam entre nós.

— Como aprendemos nos últimos meses, tudo é possível. Bruxas, lobisomens, fantasmas. — Sua voz falha, apesar do seu dar de ombros indiferente, e eu odeio ter deixado minha melhor amiga triste. Está claro que ela ainda está sofrendo por não ter sido informada mais cedo.

— Eu sinto muito. Eu deveria ter te contado quando descobri sobre Andrew. — Peço desculpas pela centésima vez. Eu não consigo parar.

— Eu sei. Eu ainda estou processando, mas se estivesse prestando mais atenção, minhas cartas de tarô previram isso meses atrás. A magia real parecia impossível, então descartei o que os guias estavam tentando me dizer através das cartas.

— Foi a mesma leitura sobre eu mudando e a energia sombria? — Ela mencionou uma leitura negativa na fazenda de vovó. — Você já tirou suas cartas do castigo?

— Eu tirei. Manchada e purificada. Não há mais energia estranha. Trouxe-as comigo na esperança de que Sarah pudesse me dar uma lição.

— Alguém tem uma paixonite? — Eu a provoco, girando, então minha mochila bate em sua bolsa a cada passo.

— Só perde para minha paixão por Tate. Eu não posso evitar. Ela é a mulher mais legal que eu já conheci e isso antes de eu saber sobre a extensão de seus poderes. — Ela suspira como se estivesse falando sobre seu galã favorito de banda musical.

— Nós sabemos quais são os poderes especiais de Sarah? No outono passado, passei horas na loja enquanto ela me ensinava o básico de ervas e cristais, feitiços para extrair meus próprios poderes, mas não poderia te dizer o que a torna poderosa além de quem ela é.

— O que você sabe sobre a original Sarah Wildes? — Sam pergunta. — Você já pesquisou a família? Se esses poderes mágicos são hereditários, sua própria linhagem deve conter bruxas poderosas.

Eu concordo. — Sua homônima era uma segunda esposa que tinha uma reputação de ser 'glamorosa' antes de se casar com Wildes.

Sam ri. — *Glamorosa* no século XVII é uma atenuante para ser promíscua?

— Mais ou menos. Ela foi acusada de fornicação e condenada a ser chicoteada por isso. Louco, certo?

— Puritanos loucos e pervertidos. — Sam me mostra dois polegares cobertos pela luva.

— Nós devemos começar uma banda com esse nome. Sabe, se tocássemos instrumentos e quiséssemos ser musicistas.

— Podemos ter um apelido de coven em vez disso? Ou começar uma gangue oficial de garotas? — Sua voz explode em risos com suas próprias ideias.

— Uma gangue de garotas de duas? Qual de nós é a pervertida? — Eu aponto para ela porque sei que não sou eu. Eu ainda estou oficialmente no meio de um longo período de seca.

— Podemos convidar Sarah e... — ela faz uma pausa, batendo no queixo, — Sra. Wardwell. Aposto que ela é engraçada.

— Ela tem cento e dois. — Eu rio e percebo que chegamos ao endereço que Sarah me deu. — Santo Deus.

Eu nunca pensei sobre em que tipo de casa a bruxa favorita de Salem viveria, mas se eu tivesse que imaginar a casa de Sarah, seria essa.

— Uau, — Sam sussurra ao meu lado. — Tem até uma torre.

A casa vitoriana cinza escura, afastada da rua como uma rainha ladeada por damas de companhia. Uma porta vermelha brilhante me lembra do batom ou a marca registrada de Sarah: um dos pauzinhos que ela sempre parece ter preso em seu coque. O portão de ferro forjado em arco protege a entrada da frente da ralé na calçada, que atualmente somos nós.

A expressão de admiração de Sam espelha a minha. Não é uma grande mansão como a de Tate, mas não é uma pequena cabana como o café Livro Negro.

— É tão elegante, mas de um jeito surrado, sem pretensão, — eu sussurro de volta porque parece certo.

— Vocês vão ficar aí fora a noite toda olhando para minha casa? Está começando a nevar e vocês vão congelar. — A risada de Sarah nos saúda da varanda.

Andrew se inclina contra o batente da porta da frente. Com a luz atrás dele, ele fica na sombra, mas ainda consigo distinguir o sorriso no seu rosto.

— Entrem, entrem. — Sarah nos acena para avançar. — Eu encontraria vocês no portão, mas estou só de meias.

Ela levanta a saia e balança os pés em meias listradas.

Por saudação, Sarah dá tanto a mim quanto a Sam abraços quentes e envolventes, enxotando-nos para dentro da casa. Andrew segue atrás, fechando a porta contra a fria tarde de fevereiro.

— Vocês podem deixar suas malas no banco e eu as levarei para o seu quarto. — Ele fala para nós duas, mas seus olhos azuis frios seguram meu olhar.

— Sam, venha para a cozinha e me ajude a fazer um bule de chá. Acabei de receber uma caixa de ervas secas e quero experimentar uma nova mistura para o Imbolc[6]. — Sarah inclina a cabeça na direção do longo corredor do hall da frente.

— Sutil, mãe, — geme Andrew. — Estranho o suficiente que minha mãe convidou minha namorada para uma festa do pijama.

[6] Imbolc é o festival que marca o início da primavera, nos primeiros dias de fevereiro.

Sarah já se movia em direção à cozinha, mas seu riso vem de volta até nós. — De nada.

Envergonhada, mas feliz de estar cara a cara novamente, aceno para ele.

Ele acena antes de cruzar o pequeno espaço para ficar na minha frente.

— Eu senti sua falta, — ele sussurra, trazendo seus lábios perto dos meus, tão perto que o calor de sua respiração roça a minha pele.

— Eu também, — eu digo, baixinho.

Sua boca bate contra meus lábios enquanto seus braços me envolvem. No início, eu estou hiperconsciente de sua mãe no corredor, mas quando sua língua varre meu lábio inferior, esqueço qualquer razão pela qual esta não é a melhor ideia do mundo. Abrindo minha boca, eu o encorajo a aprofundar o beijo, e ele o faz. Calor se espalha pelo meu corpo enquanto ele me explora com a língua. Ele tem gosto de hortelã e algo essencialmente Andrew. Meu corpo clama por mais, mais, mais e eu me pressiono contra seu peito, tentando fechar qualquer espaço entre nós. Quando ele me segura com mais firmeza e um pequeno gemido alcança sua garganta, qualquer coisa além dele, deste beijo, e o contato entre nós, desaparece.

Não tenho ideia de quanto tempo ficamos aos amassos até que a necessidade de oxigênio substituiu minha necessidade por ele.

Fazendo uma pausa por ar, beijo o canto da sua boca.

— Uau, — ele sussurra, colocando pequenos beijos ao longo do meu queixo. — Eu não achava que o tempo separado seria tão tortuoso. Prometa-me que nunca mais faremos isso.

Antes que eu possa responder, ele retoma nosso beijo, um homem sedento e eu sou um copo de água fria.

— Vamos lá para cima. — Ele agarra minha mão e dá um passo em direção às escadas. — Elas não vão sentir a nossa falta.

Eu dou a ele um beijo, mas não sigo imediatamente. Meu peito palpita com minha respiração rápida, e seu cheiro me envolve, fazendo-me esquecer por que ainda estou parada.

— O que há de errado? — Preocupação enruga sua testa.

— Sua mãe está em casa. — Evidentemente, perdi minha capacidade de usar minhas palavras.

— Eu moro aqui também. — Ele me beija como persuasão. — Na verdade, tenho o sótão inteiro. Quer ver minha torre?

Eu rio e ele revira os olhos.

— Não estou sendo um pervertido. Nem eu estou levando você para minha torre para violentar você. Pelo menos não agora. — Ele morde o canto do meu queixo.

Estou envergonhada pelo gemido que sai de mim.

— Vamos. — Com outro puxão, ele me puxa para frente. — Nós vamos deixar a mochila de Sam no quarto de hóspedes.

— Eu não quero desrespeitar sua mãe.

— Você não vai. Ela te adora e se você ainda não descobriu, ela está feliz com a gente. — Ele me dá um beijo suave e sem restrições.

Eu respondo e sinto-o sorrir contra a minha boca.

É quase impossível beijar alguém quando estão sorrindo e essa percepção me faz rir.

Entrelaçando nossos dedos, ele me leva pela escadaria larga até o segundo andar e, em seguida, para em frente a uma estante de livros.

Minha respiração fica presa na minha garganta. — Seu quarto está escondido atrás de uma estante de livros?

— Muito legal, né? Eu pedi quando tinha oito anos e mamãe fez acontecer. — Ele vira um trinco escondido e a estante se abre. Com um movimento de seu braço, ele me convida para entrar em seu covil, quero dizer, seu quarto. — Depois de você.

Lá em cima, o grande espaço é definido como um loft, com uma área de estar na parte redonda da torre, e uma cama king size amarrotada enfiado sob o teto inclinado do telhado. O aroma quente e picante dele enche a sala.

— É tão você. Por que você moraria nos dormitórios com todos os moleques fedorentos e grosseiros quando tem isso?

— Você.

Sua resposta de uma palavra me faz derreter e meus joelhos enfraquecem legitimamente. Eu consigo ficar de pé.

— Não, sério, — eu digo, soando mais sarcástica e cínica do que pretendo. Não há como ele estar dizendo a verdade.

— Eu não estou mentindo. Eu divido meu tempo entre os dois. — Ele se senta no velho sofá Chesterfield[7], mas seus olhos me seguem enquanto eu exploro. Percebo que nós dois evitamos a cama.

Eu roço minha mão sobre o couro frio e gasto da poltrona antes de me sentar nela. Meus olhos encontram os dele e eu retorno seu sorriso suave. — Eu amo aqui em cima.

— Bom. Fique comigo.

Eu quero perguntar a ele se quer dizer para sempre ou a noite, mas somos interrompidos pela voz de Sarah que vem através de uma antiga caixa de intercomunicador na parede, nos chamando para descermos para tomar chá.

— Seu timing é perfeito. — Andrew suspira. — Pelo menos eu vou ter você só para mim depois.

Ele segura minha mão enquanto nós descemos as escadas.

Sr. Mistoffelees, o gato preto de Sarah, pula de sua cadeira na janela quando entramos na cozinha. Ele me lança o olhar de reprovação e sibila suavemente para Andrew.

— Nós estamos indo para uma celebração de Imbolc hoje à noite, — Sam anuncia, com as mãos em concha numa xícara fumegante de chá. — Eu estou tão animada!

Eu não sei o que é um Imbolc, mas estou muito envergonhada para pedir esclarecimentos.

---

[7] Chesterfield é um modelo de sofá famoso, criado por um conde inglês, usado também por Freud.

— É o Dia de Santa Brígida, marcando o meio do inverno. Parte Wicca, parte pagão e às vezes conhecido como Festival do Fogo — Sarah explica sem pretensão. — Haverá uma cerimônia sagrada. E lanches.

— Você também irá? — Pergunto a Andrew.

Ele balança a cabeça negativamente. — Nenhum menino é permitido neste.

Lá se vai passar a noite nos pegando em seu quarto.

— É um sabá[8] perfeito para ser o seu primeiro, Madison. — Sarah me entrega uma caneca e aperta meu ombro. — Enquanto nosso coven é misto, algumas cerimônias são mais poderosas se a energia for puramente feminina. Sem ofensa aos homens.

— Não ofendeu, — diz Andrew, secamente. — Não é como se eu mal tenha visto Madison em mais de um mês e tal.

— Não fique bravo. Eu não vou ficar com ela a noite toda. Nós acabaremos às oito. — Sarah bagunça seu cabelo e o gesto o faz se contorcer. O gesto é doce, dado que ele se eleva sobre ela. Ela está certa, ele tende a ficar de mau humor e se fechar.

É errado o quão atraente eu acho sua melancolia?

* * *

Em fevereiro passado, minha ideia de uma noite de garotas envolvia assistir *Meninas Malvadas* e um pouco de sorvete com Sam. Esse ano não. Tudo mudou e agora uma noite com minhas amigas significa sentar em um círculo de companheiras bruxas.

[8] Sabá é uma reunião daqueles que praticam bruxaria.

Mesmo que tenham me dito que teremos bolo como parte da comemoração, estou nervosa.

Nenhum homem é permitido.

Apenas as garotas.

E o espírito de Santa Brígida, deusa, santa e padroeira das mulheres duronas por séculos.

Nunca fui o tipo de garota que queria se juntar a uma irmandade e agora sou parte de um coven.

Eu me pergunto se Andrew e Tate têm que se juntar a um círculo de tambores na floresta com o Dr. Philips e o Sr. Wardwell. Aposto que não teriam cupcakes depois de bater tambores e uivar como lobos. Eu vou ter que perguntar, porque a visão de todos eles dançando em um círculo, cobertos de lama é muito engraçada.

E agora estou imaginando Andrew de tanga e quase nu.

* * *

Na Spelling B, Sarah, e as mulheres que estavam na mansão Winthrop em dezembro, cumprimentam Sam e eu calorosamente como amigas. Uma grande sala atrás da área principal da loja foi montada para a cerimônia. Castiçais de velas iluminam suavemente, criando um espaço convidativo. Sândalo e rosa perfumam o ar.

Nós nos sentamos no chão, em grandes almofadas. A Sra. Wardwell se senta em um banquinho, explicando que nunca mais vai sair do chão se descer mais.

Depois de montar um altar no centro do nosso círculo e acender velas, Sarah nos mancha com sálvia, fazendo Sam e eu rirmos. A sra. Wardwell tosse para chamar nossa atenção de volta ao momento. Eu me pergunto se Andrew vai notar meu cheiro de galinha assada.

Sarah invoca os elementos e os pontos cardeais antes de dizer uma bênção para consagrar o círculo.

Eu não sei o que estava esperando, mas a noite tem um sentimento de paz e esperança. Não há truque, ou o que quer que eu estivesse esperando. Nenhum sacrifício ritual ou sangria. Sem sanguessugas ou morcegos. Ou vassouras. Apenas um grupo de mulheres sentadas em círculo.

Mesmo depois do cerimonial de Andrew, a fogueira da lua cheia na mata, estou mais do que um pouco desapontada, que isso não seja mais bizarro, mais... bruxaria.

Mary Parker explica como esta noite é uma celebração da donzela, o tempo todo olhando para mim com uma sobrancelha arqueada e um brilho travesso no olhar. Eu sinto que estou recebendo a versão do coven para o The Talk[9].

Ou eu vou ser a "donzela" sacrificada afinal. Eu me pergunto se devo confessar que não sou virgem. Seria uma pena arruinar seus planos envolvendo uma donzela imaculada.

Nós seguramos cristais de labradorita[10] enquanto a menor das irmãs Good nos guia em uma meditação para explorar nossos

[9] The Talk é um programa televisivo onde mulheres discutem vários assuntos.
[10] Labradorita é uma pedra mística e espiritual, usado para proteção, tem cor azulada manchada.

poderes, fertilidade, a deusa e nosso feminino divino. A irmã Good mais alta usou o termo “flor de uma dama” mais cedo e apontou para seu colo. Não é nada estranho.

Toda essa conversa codificada de sexo me faz pensar em Andrew. Eu fecho meus olhos conforme instruída ouvindo apenas a metade, enquanto minha mente é levada de volta aos amassos e passar a noite com ele.

Quando abro os olhos, o quarto brilha com uma luz azul prateada. Mantendo meu foco suave, vejo versões mais jovens das mulheres sentadas em círculo. Nenhuma delas é a mulher do meu casal fantasma, e quando penso neles, ouço o tilintar dos sinos, o que me faz perder a visão.

Eu guardo essa informação para mim, enquanto Sarah serve fatias de um bolo de limão e sementes de papoula. Sementes de papoula para a fertilidade, Mary explica e eu quero dizer a ela que já recebi a mensagem.

— Vê? Sempre bons lanches nessas coisas, — Sam sussurra entre as mordidas.

Não me sinto diferente, nem mais bruxa ou poderosa do que quando chegamos. E esse conhecimento me decepciona.

Como se lesse minha mente, a sra. Wardwell pigarreia. — A magia virá, mas você não pode esperar voar antes de entender como andar.

Imagens de Sam e eu voando em volta de Salem em vassouras giram pela minha mente. Afinal, o logotipo da cidade é uma bruxa com seu chapéu pontudo em uma vassoura.

* * *

Andrew está parado do lado de fora do Spelling B quando saímos. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos de seu casaco preto e um gorro preto esconde seu cabelo escuro.

— O que você está fazendo aqui? — Pondo meu cachecol, eu dou-lhe um sorriso feliz.

— Eu fiquei entediado esperando em casa. — Ele sorri para mim. — Vou roubar Madison por um tempo. — Ele não pede a permissão das outras mulheres que saem pela porta. Em vez disso, ele coloca o braço sobre meus ombros e beija minha têmpora.

— Tudo bem comigo se estiver tudo bem com ela, — Sarah diz com uma risada. — Eu prometi que não iria monopolizar toda a atenção dela, meu filho.

— Um gesto tão agradável levar uma jovem para casa quando você está cortejando. — A sra. Wardwell bate no braço de Andrew com a ponta da bengala.

Eu juro que ele cora enquanto me encolho, esperando que uma delas mencione virgindade e flores de damas.

Sam se junta à provocação, mas estou perdida no olhar intenso de Andrew. Eu acho que ouço um grunhido possessivo vibrar baixo em seu peito, mas é quase inaudível e pode ser a minha imaginação.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto quando finalmente nos afastamos do grupo tagarelando fora da loja.

— Lugar algum. Eu pensei em caminharmos pra casa, mas pelo caminho mais longo. Se está tudo bem.

— Mais do que bem para mim.

A neve mais cedo polvilhou as calçadas e as árvores cintilam com luzes de natal brancas penduradas em seus galhos.

— Essa noite parece mágica. — Eu me aconchego mais perto, envolvendo meu braço em volta de sua cintura.

— Acho que você está excitada pela cerimônia. Quer me contar sobre isso?

Eu dou a ele a visão geral da noite, deixando de fora a parte da fertilidade. Tenho certeza de que ele sabe tudo sobre esses feriados e seus significados simbólicos. Presa na narração, perco a noção de onde ele está nos levando. Olho em volta para descobrir onde estamos. A fileira de casas coloniais de tijolos e sobrados me diz que estamos dando uma volta em torno do centro, evitando as ruas mais movimentadas.

Virando para trás, um movimento me chama a atenção: um gato preto marcha no meio da calçada alguns metros atrás de nós. Quando fazemos contato visual, juro que a coisa se atira atrás de uma árvore.

— Estamos sendo seguidos por um gato, — eu sussurro perto do ouvido de Andrew, meio séria, meio brincando.

— Às vezes um gato é apenas um gato. — Ele torce a cabeça para olhar atrás de nós.

Eu sacudo sua mão e puxo-o para frente. — Não deixe que ele saiba que sabemos.

Ele aperta meus dedos e me dá um sorriso tipo "você é adorável, mas louca". — Você perdeu seu juízo. Nós não estamos sendo seguidos[11] por um gato.

Apesar de estar um pouco assustada, eu rio do seu trocadilho.

— Seja sério. — Eu aperto a mão dele.

Ele ri e coloca seus dedos entre os meus. — Eu não estou preocupado com um gato aleatório passeando por uma rua. Você tem fobia?

— De gatos? Não. — Eu sacudo minha cabeça.

— Historicamente, os gatos pretos têm má fama. — Ao sair do meio-fio, ele atravessa a rua à minha frente.

O seguindo, eu verifico atrás de nós para ver se o gato também mudou de lado, mas não o vejo. — Eu acho que você estava certo. Sem mais gato.

— Então, me fale sobre essa preocupação que você tem. — Sua voz é suave, encorajadora.

— Não é realmente uma preocupação, mas eu continuo vendo um gato preto ao redor de Salem. E sei que algumas bruxas podem ter familiares.

[11] O trocadilho fica por conta da palavra "tail" que significa "seguir/perseguir" e também "rabo/cauda".

— Poderia ser o Sr. Mistoffelees. Ele gosta de passear pelas ruas sempre que pode.

— Não é ele. Os olhos são diferentes. E o Sr. M finge que eu não existo. Eu dei um sermão nele sobre isso durante uma das minhas sessões de treinamento com sua mãe.

Balançando a cabeça, ele ri de mim. — Um sermão?

— Do que mais você chama uma conversa unilateral, em que o ouvinte parece entediado, e foge o mais rápido possível quando acaba? — Pergunto, tentando racionalizar conversar com um gato.

Andrew olha para trás novamente, antes de fingir sussurrar em voz alta. — Definitivamente ainda nos seguindo.

A ponta da minha bota pega uma fresta na calçada e eu me sinto inclinando para frente, enquanto imagino plantar o rosto no concreto áspero.

Só que não caio.

Nem me surpreendo.

Meu corpo para em sua trajetória descendente por um segundo e depois sinto o aperto de Andrew em meu casaco. Uma vez que eu estou de pé novamente, eu o encaro.

— Obrigada. Você...? — Eu balanço minhas mãos para ele.

Ele se inclina mais perto, antes de abaixar a voz. — Usei magia?

Eu assinto.

Ele me beija. — Um pouco. Um segundo você estava de pé, depois estava voando para frente.

— Eu pensei que nós realmente não voássemos. — Eu sorrio para ele.

— Nós? — Ele espelha minha expressão, mas a diversão brilha em seus olhos pálidos.

— Bruxas, — eu sussurro a palavra.

— Por que você está sussurrando? — Ele ri. — Estamos em Salem. Se você não pode se chamar de bruxa aqui, onde poderia? Aposto que, se você perguntasse, a maioria das mulheres desta cidade se identificaria como uma bruxa de alguma forma.

— Mas isso é diferente. Nós somos, você sabe...

— Nós somos o que? — Ele para e olha para mim com uma expressão suave.

Eu paro, tentando encontrar as palavras. — Eu não sei bem como dizer isso. Real parece um insulto à Wicca. Mágica me faz pensar em mágicos e coelhos.

— Não nos divida. Somos todos capazes de magia.

— Mesmo os gatos? — Eu aceno atrás de mim.

Ele olha para o céu escuro por um momento e eu olho para sua boca, querendo que ele me beije.

Respondendo, ele pressiona suavemente sua boca na minha. Parece como veludo roçando contra meus lábios. — Magia não tem nada a ver com o que sinto. Estou me apaixonando por você.

Atordoada por seu beijo e pelas palavras, não digo a ele como me sinto. Preciso de um momento para ponderar sobre a revelação

de Andrew. Em vez de dizer o que está no meu coração, abro a boca ansiosamente e varro a língua contra a dele.

Ele me puxa para mais perto, intensificando a pressão como se soubesse o que estou tentando dizer com o meu beijo.

Depois de um minuto ou dois sem fôlego, ele gentilmente arrasta o dedo pela minha bochecha e sussurra: — Vamos para casa.

Com outro olhar rápido atrás de nós e nenhum gato preto à vista, eu solto um suspiro frustrado. — Eu tenho mais perguntas do que respostas.

— Pergunte a minha mãe sobre familiares e guias espirituais. Ela é mais bem informada sobre os velhos hábitos do que eu.

Assentindo, procuro o gato de novo, mas não o vejo.

— Talvez seja um gato fantasma. — Ele arregala os olhos com medo simulado, mas seus lábios se contorcem enquanto luta contra um sorriso.

Minha boca cai aberta. — Nãoo, — eu lamento com o pensamento insuportável. — Eu não posso lidar com fantasmas de animais.

— Ok, gatos perseguidores são muito melhores que fantasmas. — Ele me provoca.

— Não faça graça das minhas habilidades, Dedos de Fogo. — Eu devolvo para ele.

Ele ri. — Eu vou esquecer que você disse isso. Nós estávamos nos beijando. Isso não ajuda a fortalecer sua capacidade de ver o passado? — Sua sobrancelha está erguida em confiança presunçosa.

Eu giro e procuro a familiar neblina azul. Nada mais sobre a rua parece fora do comum ou ultrapassado. Com alívio, eu digo: — Não é o passado.

Enquanto estou exalando a tensão assustadora de sua sugestão sobre gatos fantasmas, minha cabeça lateja com uma pontada de dor e meu estômago revira.

Eu posso ter comido muitos pedaços de bolo de limão com semente de papoula na iniciação hoje.

Quando chegamos à esquina, um cara alto e familiar sai do bar.

Luke Hamilton.

Seguido imediatamente por uma loira que poderia ser a Barbie do seu Ken.

Lucy Putnam.

Capítulo Quatro

Luke e Lucy saem do bar pra calçada bem na nossa frente. Eu salto longe para evitar ser pega em sua zona de respingos de energia ruim. Pelo cheiro de cerveja que evapora de Luke, eles estão bebendo por um tempo.

A risada de Lucy atinge um nível guinchante quando ele a pega por trás e a gira ao redor.

— Desculpe-nos, — diz Andrew, aproximando-se do meio-fio, tentando evitar ser chutado pelas pernas agitadas dela.

— Madison! — Luke quase derruba Lucy quando percebe que não são as únicas duas pessoas na calçada. — Como vai, Wildes?

— Hamilton, — eu digo, secamente. — Lucy.

— Oh, não é mais Lucy. Chamam-me de Kitty[12] agora. — Rindo, ela faz um movimento de rebatidas com uma de suas patas, quero dizer, mãos. — Miau.

Minhas sobrancelhas atingem meu couro cabeludo.

— Quem é minha gatinha travessa? — Luke acaricia seu cabelo com o nariz.

Sinto o bolo de limão com papoulas começar a subir pela minha garganta. Se eles começarem a lamber um ao outro, eu posso estragar meus sapatos.

— Ok, então. — Andrew passa o braço em volta do meu cotovelo para eu passar pelo casal.

---

[12] Kitty é gatinha em inglês.

— Ei, eu conheço você. — Kitty aponta para mim. — Você é colega de quarto de Sam, certo?

— Ah, claro. — Eu dou um passo na direção de Andrew. Há algo estranho nela que faz um calafrio subir pela minha espinha. Nada a ver com o comportamento felino ou com o fato de que ela está com Hamilton, o rei dos meninos sapos.

Ela estreita os olhos. Eu meio que espero que ela assobie para mim quando abre a boca. — Diga a ela que ela me deve uma nova leitura. A última que ela fez para mim foi completamente errada.

Nunca vai acontecer.

Quando não respondo, Lucy-Kitty concentra sua atenção em Andrew.

— Eu vi seu pai no clube no último fim de semana. Meu pai fez questão de parar em sua mesa para dizer olá. — Ela levanta o nariz no ar e zomba, — Parece que ele não é seu maior fã ultimamente. Aparentemente, ele não aprova sua namorada. Ou a família dela. Mencionou algo sobre linhas familiares questionáveis.

Ela não poderia ser mais horrível se tivesse pago para lacaios fazer sua jogada cruel. Por mais que eu não goste de Hamilton, quase sinto pena dele por estar com Lucy-Kitty. Esta gatinha tem garras afiadas.

— Ainda bem que não me importo com o que ele pensa, — diz Andrew, apertando meu braço. —A opinião dele tem pouca influência na minha vida hoje em dia.

— Hmm, — Kitty o olha como se estivesse pensando em trocar de namorado. Se ela assobiasse para mim, eu não ficaria surpresa.

— Isso foi adorável. — Murmurando, me volto para Andrew. — Vamos?

Assentindo, ele mantém seu foco na fera loira de duas cabeças bloqueando a calçada.

— Eu vou dizer ao seu pai que encontrei você, — Lucy-Kitty fala atrás de nós.

A meio quarteirão de distância, começo a rir. A risada seca de Andrew se junta e rapidamente se transforma em gargalhadas. Eu tenho que parar e recuperar o fôlego. Meu chapéu cai da minha cabeça quando me curvo para evitar hiperventilar.

— Kitty, — eu chio.

— Miau, — sussurra Andrew entre risos.

Quando consigo respirar de novo sem gargalhar, me endireito e enxugo os olhos. — Pare. Eu não aguento.

Andrew separa seus lábios e assobia.

O som é convincente o suficiente, eu me viro para ter certeza de que ele não está assobiando para um gato real. Nossa sombra felina de antes não está à vista.

— Você não acha... — Deixo a frase inacabada.

Ele franze a testa, as sobrancelhas se juntando. — Não acho o que? Que uma mulher deveria mudar seu nome para Kitty ou sair com Hamilton?

— Gatinha. Gata. Felina. — Eu arregalo meus olhos esperando que ele perceba.

— Sinônimos? — Ele claramente não está entendendo o que estou insinuando.

— E se Lucy for nossa gata acompanhante? Não consigo lembrar quem disse que é possível, mas ela poderia mudar de corpo? Transformar-se?

No seu olhar vejo as peças se encaixarem quando ele finalmente entende.

— Você acha que ela é poderosa o suficiente para a transmogrificação? Nós nem sabemos se ela é uma bruxa. — Sua voz contém descrença, mas também preocupação. Pelo menos estamos na mesma página agora.

O vento bate na pele exposta do meu pescoço, enviando um calafrio pelas minhas costas. Eu abaixo minha voz para um sussurro. — Talvez devêssemos voltar para sua casa.

Aproximando-se, ele sussurra: — Por que você está sussurrando?

— Estou preocupada que alguém esteja escutando. Ou ainda estarmos sendo seguidos. — Eu torço meu pescoço para olhar atrás de nós na direção do bar. Não há sinal de Lucy ou Hamilton. Na verdade, a rua está vazia. Somos os únicos pedestres na calçada. De repente, eu estou desejando que mais pessoas estivessem por perto ou pelo menos algum tráfego de carros. — Nós devemos ir.

— Madison? Você está parecendo assustada. Você vê alguma coisa? — Ele coloca o braço sobre meus ombros enquanto andamos.

Aconchegando-me ao seu lado, desejo mais do seu calor. Sua proximidade me faz sentir melhor, mais segura. — A rua está muito quieta. Segurança em grupos e tudo isso.

— Estamos apenas a alguns quarteirões de casa.

Minha audição está em alerta máximo por passos atrás de nós. Cada clique de nossos sapatos nos paralelepípedos enquanto atravessamos o cruzamento ecoa ao nosso redor. Uma porta de carro bate à distância. O baixo de um rádio pulsa quando outro carro passa por nós.

Mesmo os olhares frequentes para trás não podem acalmar meus nervos.

— Ninguém está nos seguindo. — Andrew me tranquiliza.

— Gatos são furtivos. — Eu não sei a quem estou tentando convencer, se a ele que estamos sendo perseguidos, ou a mim mesma de que não estamos.

A maioria das luzes está apagada quando voltamos à casa vitoriana de Sarah. Ela deixou ligadas as arandelas flanqueando a porta e o lustre no foyer.

— Podemos deixar a discussão de Kitty e dos gatos até amanhã? Parece que a mamãe já foi para a cama. — Andrew abre o portão e me conduz pela curta passarela. — Ou ela está nos dando privacidade.

Parada ao lado dele enquanto ele destranca a porta, eu examino a rua em busca de movimento. No canto dos olhos, uma pequena sombra se arrasta pelo gramado.

— Andrew, — eu mal sussurro o nome dele alto o suficiente para ele ouvir. Para ter certeza de que está ouvindo, aperto seu braço. — Tem algo no gramado.

— Você vê uma névoa azul? — Pergunta ele, virando-se lentamente para a rua.

— Não, isso está acontecendo agora. — Eu semicerro os olhos, tentando diferenciar a sombra do objeto no escuro.

Um flash de preto sobe os degraus a poucos metros de distância.

O Sr. Mistoffelees pisca os olhos brilhantes e nos dá um miado amistoso antes de enrolar entre as nossas pernas.

Minha expiração é instável e sinto a perna toda mole.

— Sr. M, o que você está fazendo fora? — Andrew o pega antes de abrir a porta. — Andando pelo quintal atrás de ratos?

Olhando para mim por cima do ombro de Andrew, o gato pisca.

Uma vez que entramos, o gato pula e sobe as escadas.

— Talvez tenha sido o nosso gato que estava na rua e seus olhos parecessem diferentes nas luzes da rua. Ele gosta de fazer suas rondas, visitando amigos e procurando novas namoradas. — Parado atrás de mim, Andrew toca meus ombros, indicando que eu deveria tirar meu casaco.

— Isso é plausível. Mas eu quero falar mais com sua mãe sobre familiares. E Lucy.

— De manhã, — ele sussurra, deslizando meu casaco pelos meus braços. — Eu quero tirar vantagem de estar sozinho com você.

O ar frio do foyer não tem nada a ver com os arrepios que pontilham meus braços. Removendo meu cachecol, sua respiração aquece meu pescoço antes de ele dar um beijo na pele recém-exposta. Um gemido suave rompe o silêncio.

— Vamos lá para cima. — Andrew coloca seus dedos nos meus e me conduz pelos lances até o segundo andar.

Uma faixa de luz suave se derrama debaixo de uma porta fechada no final do corredor, que presumo ser o quarto de hóspedes que Sam está ocupando. Mistoffelees está longe de ser visto.

Quando chegamos ao quarto de Andrew, no sótão, meu corpo está zumbindo de antecipação.

Dormimos juntos na mesma cama, mas não *dormimos* juntos como se tivéssemos feito sexo. Eu nunca o vi nu. No máximo, estive sem sutiã perto dele, na única vez que entrei na cama com ele na casa da fazenda. Nós estamos levando as coisas além de lentas. Então, novamente, tem sido poucos meses selvagens com toda a magia, ex-namorados, feitiços e covens.

Porém não esta noite.

Esta noite estamos sozinhos. Sem interrupções. Sem fantasmas ou bruxas. Só nós.

Ele me leva até a cama e, em seguida, faz uma pausa para encontrar uma lista de reprodução em seu telefone. Música instrumental suave toca de um alto-falante Bluetooth em algum lugar do quarto.

Ele se aproxima de mim. Beijando uma linha descendo do meu ouvido ao longo do meu queixo, sua boca paira sobre a minha. — Não precisamos fazer nada que você não queira fazer. Estou feliz em dormir ao seu lado, se é isso que você quer.

Sua permissão para ir devagar tem o efeito oposto em mim.

Quero dizer a ele para tirar as calças. Em vez disso, puxo sua camisa fora de seus jeans e começo a desabotoá-la. Nós nos enroscamos tentando tirar as roupas um do outro enquanto também nos beijamos. Em termos de multitarefa, somos fracassados e acabamos rindo mais do que realmente nos pegando.

Até que ambos ficamos em nossas roupas íntimas, cabelos bagunçados, ofegantes e sorrindo um para o outro. Estou tão feliz por ter colocado meu melhor sutiã rosa e calcinha combinando esta manhã. Este é agora meu sutiã da sorte.

Andrew está pálido na luz fraca das janelas. Mais pálido do que eu mesma. Alguns pelos escuros estão espalhados sobre o peito esculpido. Mais cabelo escuro cria uma trilha desde o umbigo até a boxer. Suas pernas fortes e magras se curvam com músculos sobre suas coxas e panturrilhas. Meu olhar permanece sobre o contorno acentuado dele armando sua boxer.

— Você é linda, — ele sussurra, deslizando as mãos pelos meus braços, deixando as costas de seus dedos roçarem meus seios antes de tocar minha cintura.

Eu pulo ao contraste de mãos quentes na minha pele fria.

— Você está fria. Vamos entrar debaixo das cobertas.

Nervosa, eu praticamente mergulho debaixo do edredom grosso, mas resisto em puxá-lo até o queixo.

Envoltas nas camadas da cama macia, nos encontramos na escuridão quase total. Beijando, tocando e explorando, o tempo para e ficamos em uma bolha sem passado ou futuro, apenas nós neste momento juntos.

Há algumas risadas hesitantes e definitivamente desajeitadas, pelo menos da minha parte quando dou uma cabeçada nele, quando ele tenta tirar meu sutiã, mas é tudo tão perfeito porque é Andrew.

Cercada por seu cheiro, nunca tive mais certeza sobre fazer sexo com alguém. Eu o amo e ele me ama, e este momento é melhor do que minha imaginação jamais poderia ter sonhado.

— Você tem certeza? — Ele pergunta, puxando as cobertas e, em seguida, retirando o cabelo úmido da minha testa.

Eu assinto e o beijo, varrendo minha língua em sua boca para confirmar o quão certa estou.

Ele pega um preservativo em sua mesa de cabeceira e eu o ajudo a abrir o papel alumínio.

— Você é tudo para mim, Madison. — Ele me beija quando coloca seu corpo sobre o meu. — Eu te amo e sempre te amarei.

— Eu te amo. — Eu fecho meus olhos para lutar contra uma onda de emoção enquanto nossos corpos se juntam.

Ele é gentil no começo, permitindo que meu corpo se ajuste a ele. Encontramos nosso ritmo, nossos corpos sabendo como se mover juntos, como se fosse a centésima vez que fazemos isso, em vez da primeira, balançando e alcançando nosso prazer juntos como um só. Quando gozo primeiro, ele está logo atrás, sussurrando meu nome, arqueando-se sobre mim enquanto envolvo meus braços ao seu redor, o vendo desmoronar.

Depois, nós nos deitamos juntos, seu peso me pressionando no colchão, recuperando o fôlego e compartilhando beijos suaves quando descemos do orgasmo que acabamos de compartilhar.

Poucos momentos depois, ele sussurra perto da minha orelha, — Eu já volto.

O ar frio substitui o calor quando ele sai da cama para ir ao banheiro.

Me aconchego mais sob o edredom, me estico e sinto uma sensibilidade bem-vinda entre minhas pernas. Quero berrar que acabei de fazer sexo com Andrew Wildes. Eu resisto, mas dou chutes com meus pés algumas vezes com alegria.

Ele retorna, usando as mesmas calças de dormir xadrez que usava na casa da fazenda. — O banheiro é todo seu.

Eu roubo a camisa que ele estava usando antes e ponho pela minha cabeça. Mais porque o quarto está frio do que por

timidez. Localizando minha bolsa no canto, tiro meu pijama e os suprimentos do banheiro.

Dentro do pequeno banheiro, estou escovando os dentes quando o uivo de uma briga de gatos quebra o silêncio da casa.

Não vem de fora.

Algo cai no chão no andar de baixo.

Capítulo Cinco

Os gatos brigando criam um som particularmente assustador. O miado que vem do andar de baixo atravessa a casa como um lamento fantasmagórico, insinuando assassinato e derramamento de sangue.

Abrindo a porta enquanto simultaneamente fecho os botões do meu pijama, encontro Andrew lutando para puxar uma camiseta por cima de sua cabeça.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto, suspeitando que eu já conheça o meu papel em colocar isso em movimento.

— Parece que o Sr. M está defendendo seu território, — diz Andrew, correndo na minha frente pelas escadas do sótão.

— De quê? — Eu sigo atrás.

— Isso é o que vamos descobrir. — Ele abre a porta na parte inferior da escada.

Sam nos encontra no corredor, desgrenhada e sonolenta. — Algo me acordou.

Vidro se estilhaça em uma superfície dura lá de baixo.

— Briga de gatos, — Andrew diz a ela, sem abrandar o seu ritmo enquanto desce correndo o último lance de escadas para o primeiro andar.

Os olhos de Sam se arregalam ao som de mais miados e assobios. — Quantos gatos estão envolvidos?

— Estamos prestes a descobrir. — Eu corro pelas escadas.

Uma sombra alta e humana na sala da frente me assusta e eu paro abruptamente. Sam bate nas minhas costas e então nós duas caímos para frente. Meu coração já está galopando no meu peito como um cavalo assustado de quase ter o rosto plantado no foyer, e não consigo decidir se vejo uma névoa azul ou não.

Por um segundo, tenho certeza de que há um fantasma na casa até que a sombra se solidifique em Tate.

— O que você está fazendo aqui? — Eu sussurro quando ele se junta a nós pelas escadas.

— Encontrei Sam...

Mais assobios e outro estrondo o interrompe.

— Mais tarde, — eu digo, mais uma vez correndo em direção ao som.

Uma luz clareia a cozinha, iluminando Andrew parado perto da ilha. Sarah segura uma vassoura apontada para um gato preto sentado em cima da mesa da cozinha.

Vestida com um roupão preto grosso bordado com rosas vermelhas, o cabelo sem seu distinto coque, Sarah ainda é elegante, mesmo no meio da noite, e tão feroz como sempre.

— Mistoffelees ficou louco? — Eu pergunto, parando ao lado de Andrew. Farinha e cacos de cerâmica cobrem os balcões e o chão. Cacos de vidro quebrado brilham na luz fraca na madeira perto dos nossos pés.

— Cuidado para não cortar os pés, — Andrew nos avisa.

— Este não é o meu gato. — Sarah acena atrás de si na direção do balcão. — Sr. M está em cima dos armários.

Com certeza, seus familiares olhos amarelos olham para nós e ele assobia.

— Então, de quem é o gato? — Eu aponto para o intruso. À luz das luminárias pendentes, vejo facilmente a diferença. Mistoffelees é mais pesado e seus olhos amarelos têm uma ligeira coloração verde que os faz brilhar. O gato na mesa é mais magro e tem olhos menores e mais opacos. Enquanto eu o estudo, ele bate nas cerdas da vassoura de Sarah.

— Não tenho certeza. Nem sei como entrou na casa. M estava trancado aqui dentro esta noite. Pelo menos ele estava quando fui para a cama. — Sarah bloqueia a tentativa do gato de pular da mesa.

Andrew e eu nos olhamos quando a verdade se instala no meu peito como um pesado fardo.

— Eu o deixei entrar. Nós fomos seguidos por um gato preto mais cedo no centro da cidade, e então quando chegamos em casa, este apareceu na varanda da frente. Eu presumi que fosse Mistoffelees.

— Nós assumimos, — Andrew me corrige.

Mr. M silva de seu alto poleiro e solta um rosnado baixo.

— Desculpas, — digo ao gato. — Sinto muito por insultar você.

Ele pisca seus olhos amarelos brilhantes duas vezes.

— Andrew, você pode pegar a caixa de transporte do porão? — Sarah mantém a voz firme e calma.

— Nós não deveríamos apenas abrir a porta e deixá-lo sair? — Sam pergunta atrás de mim.

— Não, precisamos descobrir mais informações dele, — explica Tate.

O gato assobia.

— Desculpe, dela. Assim está melhor? — Ele se dirige ao gato.

O gato pisca e senta.

— Um mistério resolvido. Você vai se comportar? Posso colocar a vassoura no chão? — Sarah afasta lentamente a vassoura da mesa.

Nossa convidada felina não se move para escapar, seu rabo se contorcendo de aborrecimento contido.

Ainda segurando o cabo, Sarah deixa a cerda descansar no chão perto de seus pés.

— Tate, você pode ligar para o Dr. Philips? Seu número está na folha plastificada junto ao telefone.

Andrew retorna do porão com a caixa. Ele olha o gato na mesa. — Ainda precisa disso?

— Nossa convidada está se comportando por enquanto. — Sarah aponta para a intrusa. — Coloque-o na cadeira por perto, caso ela decida atacar Mistoffelees novamente.

Lentamente, Andrew avança, cada movimento calculado e contido. Quando nada acontece, eu exalo o ar que estava segurando.

Depois de uma breve conversa, Tate desliga o telefone. — Philips estará aqui assim que puder. Alguém mais que eu deveria chamar?

Sam sussurra, então só eu posso ouvir. — Parece um grande esforço para uma gata de rua entrar na casa.

— Se fosse uma gata comum. — Tate se junta a nós pela ilha. — Ela é uma espiã.

— Eu sabia, — eu exclamo, ganhando um silvo da nova gata.

Andrew ri e me envolve em seus braços. — Aproveitando seu momento de triunfo?

— Seja gentil conosco. Gatas espiãs não são algo com que estamos acostumadas a lidar, — diz Sam com um beicinho. — Não esqueça que esta é uma realidade totalmente nova para Madison e eu.

— Nós sabemos. — Tate coloca um braço sobre o ombro e puxa-a contra o peito para um abraço.

Eu lembro que ele nunca explicou por que está aqui. — Você foi trancado fora do dormitório hoje? É por isso que você estava dormindo no sofá?

As sobrancelhas de Tate disparam em direção ao couro cabeludo. Eu não posso ver o rosto de Sam porque ainda está pressionado contra o peito dele.

Sarah ri e depois cobre com uma tosse totalmente falsa. — Parece que o amor está no ar. Deve ser todo o quartzo rosa que eu espalhei pelos seus quartos. E Tate, você não tem que dormir no sofá pela minha delicada moral. Vocês são todos adultos.

Envergonhada de que ela poderia de alguma forma saber o que Andrew e eu estávamos fazendo no quarto dele, endireito minha camisa, lembrando que na verdade é dele.

Sam salta de Tate tão rapidamente que parece uma coelhinha de animação.

— Oh, desculpe. Parece que me excedi. Se você quiser dormir no sofá encaroçado, então fique à vontade. Você sabe onde estão os travesseiros e cobertores extras. — Sarah é uma mestra em fingir para sair de uma situação embaraçosa.

Uma batida na porta da frente salva Sam de ficar mais vermelha do que já está.

— Deve ser Philips. Minha casa. Eu vou recebê-lo.

Seus chinelos abafam o som de seus passos no corredor. Uma voz masculina se junta a dela quando voltam para a cozinha.

Uma vez que confirmo que é o Dr. Philips, volto os olhos para a gata. Ela fica de pé, mas não arqueia as costas nem assobia. Em vez disso, ela pula da mesa e corre para ele com a cauda no ar.

— Mildred, — ele a cumprimenta, pegando-a em seus braços e, em seguida, acariciando a cabeça com a bochecha.

Ela começa a ronronar instantaneamente.

Olhando ao redor da sala para todos nós e para o caos da guerra dos gatos, Philips balança a cabeça. — Sinto muito que Mildred tenha criado essa briga. Como ela entrou na casa?

Eu timidamente aceno meus dedos para ele. — Eu a trouxe depois de encontrá-la espreitando os degraus da frente. No escuro, eu a confundi com o gato de Sarah.

— Você está muito longe de casa, — Philips aborda Mildred em seus braços.

Mistoffelees desce de seu poleiro e foge para fora da sala, suas garras batendo no chão de madeira enquanto corre pelo corredor e sobe as escadas. — Alguém não sente prazer em ter uma convidada na madrugada. — Philips carinhosamente acaricia o pelo preto de Mildred.

Consciente de que estou usando minha calça de pijama listrada, a camisa de Andrew, e sem sutiã, cruzo os braços e me sento à mesa, sentindo-me subitamente mal vestida. Ao contrário de nossos variados tipos de roupas de dormir, ele está bem vestido em sua típica jaqueta de tweed e calças engomadas. Com o gato e seu traje de professor, ele é um clássico figurino de vilão ganhando vida.

— Você estava num evento esta noite, Dr. Philips? — Pergunto por curiosidade.

Seus olhos movem-se para encontrar Sarah. — Digamos que sim.

— Acho que vou fazer chá. Duvido que qualquer um de nós possa voltar a dormir e parece que temos muito a discutir.

— Você tem alguma coisa para comer? Estou faminto. — Andrew esfrega o estômago.

— Biscoitos no pote, um pedaço extra de bolo de limão com sementes de papoula na caixa de pão e sabe-se lá o que na geladeira. — Sarah se ocupa enchendo sua chaleira elétrica com água.

Andrew limpa a bagunça nos balcões e no chão com a ajuda de Tate.

Uma vez que todos nos acomodamos ao redor da mesa da cozinha com nosso chá e lanches, Mildred enrolada no colo de Philips, menciono o encontro com Mildred bem antes de encontrarmos Hamilton e Lucy.

Andrew me corrige. — Você quer dizer Kitty.

Eu rio quando ele enrola os dedos e finge bater em mim como se tivesse patas.

— Quem é Kitty? — Sam pergunta.

— Lucy decidiu mudar seu nome. — Eu dou uma mordida num cookie. — Não ria de mim, mas achei que no começo o gato preto poderia ser Lucy disfarçada. É mesmo possível? A mudança de nome e o perseguidor felino parecem muito coincidentes.

— Não há coincidências, — Sarah diz com um tom alegre. Dirigindo-se à Philips, ela diz: — Hora de explicar algumas coisas, meu velho amigo.

Ele coça a barba e franze a testa. — Eu suponho que chegou a hora.

Andrew encontra minha mão debaixo da mesa e entrelaça nossos dedos. Tenho certeza que é um gesto de conforto, mas só me deixa mais nervosa com o que está por vir.

— Mildred é minha familiar. Posso assegurar-lhe que ela não é, nem nunca foi Lucy Putnam. Ela gosta de passear por Salem, ficar de olho no coven local, assim como qualquer pessoa que ela decida que interessa a ela.

— Ela pode falar? Como o gato no programa sobre a bruxa adolescente? — Sam pergunta com o rosto cheio de emoção.

— Não, não com palavras pelo menos. Ela é conhecida por bater o livro exato que estou procurando na prateleira. Nós nos comunicamos através de meditação guiada.

— Como um guia espiritual? — Tate pergunta. — Isso é legal.

— Exatamente assim. Todos nós temos animais e guias espirituais, mas pouquíssimas bruxas têm um ser físico que age como seu familiar, — explica Sarah. — É uma honra.

— Mistoffelees é seu familiar? — Eu pergunto.

Sarah franze a testa e estuda o chá. — Não, ele é especial para mim, mas ele é um gato normal.

— Foi por isso que eles entraram em uma briga mais cedo? — Estou cheia de perguntas hoje.

— Sim. Ele é muito territorial.

Philips continua acariciando seu gato. — Não sei por que Mildred queria entrar em casa com você. Ela é cautelosa em relação a outros humanos e raramente deixa alguém além de eu tocá-la.

— Ela piscou para mim quando Andrew a levou para dentro, — eu digo, sabendo que pareço louca. — Talvez ela tenha sentido que a

casa precisa de proteção extra hoje à noite. — Philips me encara e então Andrew.

Há zero chance de que ele saiba que fizemos sexo há menos de uma hora, mas me sinto ainda mais desajeitada do que há alguns minutos atrás.

— Vocês quatro, sob o mesmo teto, talvez? Uma perturbação na sua energia? Eu não tenho as respostas ainda. — Ele toma seu chá. — Mas há outra coisa que você precisa estar ciente.

Andrew fica tenso ao meu lado, apertando e soltando a pressão da mão ao redor da minha.

— A noite do solstício de inverno quando você encontrou o livro. Não fui honesto com você sobre meus planos naquela noite.

— Sem Quebra-Nozes? — Tate pergunta, um sorriso de escárnio no rosto.

— Oh, essa parte é verdadeira. Eu amo o primeiro ato. Anteriormente participei de uma reunião da Wicked Society[13] em Boston. Você ouviu falar dela?

Sam e eu balançamos nossas cabeças como não, mas Andrew, Tate e Sarah acenam que sim.

Philips bate a junta contra o tampo da mesa de madeira. — Talvez precisemos fazer uma mini excursão de campo até Boston e apresentar vocês adequadamente.

---

[13] Wicked Society não traduzimos, mas no geral o sentido que achamos para wicked: "ótima,irada,estupenda", mas também tem o lado mau:"maldosa,cruel,maligna". Sendo nome de uma sociedade secreta podem escolher.

— Hoje à noite? — Eu pergunto, pensando que preciso pelo menos colocar meu sutiã e talvez minha calcinha, se estamos indo para alguma sociedade chique em Boston.

— Não, minha querida. Ninguém estará lá nesse horário.

Isso é um alívio.

— Eles ficarão muito curiosos sobre o livro preto, — diz Philips com indiferença.

— Como você sabe sobre isso? — Minha voz se eleva. — Ele não foi informado na noite que o encontramos.

— Sarah me mandou um código preto. Nós reservamos isso apenas para informações sobre o livro.

— Mas todo mundo ficou cauteloso quando você chegou e fez perguntas sobre isso. — Um olhar acusador para Sarah.

— Minhas cartas me alertaram sobre um potencial informante no coven. Achei melhor não compartilhar muitos detalhes na frente de todo o encontro. Tudo o que eles precisavam saber era que o encontramos e estava sob um encantamento de proteção. — Sarah calmamente come um bocado da fatia do bolo.

Uma certeza profunda vem sobre mim. — Meu dinheiro está na Sra. Howe, dado que ela é parente de Lucy Kitty.

— Lucy Kitty mencionou estar no clube recentemente e ver meu pai, — Andrew concorda comigo.

— Quão longe ela iria para se reunir com sua filha e neta afastadas? — Tate pergunta. — Os Winthrops gostam de

distanciamento. Significa menos funções familiares que temos de frequentar.

— Então está resolvido. Nós vamos visitar a Wicked Society e levar o livro conosco. Eu vou fazer todos os arranjos. — Phillips se levanta, erguendo Mildred em seu ombro.

Sarah não concorda com ele imediatamente. Na verdade, ela parece estar perdida em pensamentos, olhando para um local aleatório na parede.

— Sarah? — Eu me estico através da mesa redonda para tocar suavemente seu braço.

Ela pisca algumas vezes e encontra meus olhos preocupados. — Não vejo problema em uma visita, mas acho que devemos deixar o livro onde está por enquanto. É o suficiente eles saberem que o localizamos. Eu não quero ficar à frente da linha do tempo.

— Que linha do tempo? — Pergunto ao mesmo tempo em que Sam.

— Nada para se preocupar até ser preciso. — Sarah coloca a mão sobre a minha. — Está tarde. Estamos todos a salvo. O livro está seguro. Todos nós devemos voltar para a cama.

Estou prestes a discutir com ela quando Andrew se levanta. — Ela está certa. Nada vai ser resolvido hoje à noite.

Não, se formos todos dormir, não. Eu guardo isso para mim mesma comendo outro biscoito.

— Philips, por favor, deixe-nos saber o que a Mildred compartilhar com você. Entrarei em contato. — Sarah o acompanha de volta para a porta da frente.

Eu levanto as sobrancelhas e arregalo os olhos para Sam. — Você pode me beliscar para ter certeza de que não estou sonhando?

Ela obedece, mais forte do que o necessário.

Eu grito e esfrego meu braço. — Eu acho que estou acordada. Depois de uma série de noites estranhas com todos vocês, eu posso honestamente dizer que essa é uma das mais esquisitas.

— Apertem os cintos, — Andrew diz com uma risada. — Espere até chegarmos a Boston.

Capítulo Seis

— Diga-me, — eu sussurro para Andrew no segundo em que saímos da cozinha de sua mãe.

Ele bate o dedo indicador nos lábios e depois aponta para as escadas.

A risada de Sam e a voz suave de Sarah me tentam a ficar acordada com elas. O medo de perder é real, especialmente com as bombas de informações caindo por aqui.

Enfiando os dedos entre os meus, Andrew me puxa com delicadeza e segue até o covil do sótão. Ele atravessa a porta secreta atrás da estante e eu sigo, fechando a porta atrás de nós.

— Eu tenho um milhão de perguntas. — Eu me sento ao lado da cama, em seguida, deslizo até a cabeceira.

Andrew se deita ao meu lado. — Quais são as chances de que você será capaz de dormir sem receber todas as respostas hoje?

Eu tremo quando ele arrasta sua mão ao longo da minha coxa. Mesmo através do material fino do meu pijama, eu posso sentir o calor de sua palma.

— Não estou cansada. — Rolando para o meu lado, eu o encaro. — Como alguém pode ficar sonolenta após a briga dos gatos e Philips aparecendo?

Suas sobrancelhas escuras levantam e ele inclina a cabeça. — Acho que depende de quanto chá você bebeu.

— Por quê? — Eu me aconchego no meu travesseiro.

— Você já ouviu falar de valeriana antes? — Sua mão repousa no meu quadril quando ele se inclina mais perto para roçar a boca sobre a minha.

Eu sacudo minha cabeça, meus lábios pressionando contra os dele.

Ele sorri antes de me beijar de verdade.

Mais do que eu quero respostas para todas as perguntas que giram na minha mente, quero curtir Andrew. Talvez até ir para a segunda rodada.

Ele deve ter a mesma ideia quando desliza sua coxa entre as minhas e me puxa com força contra ele.

Meu corpo tem outras ideias, porque bocejo e enfio a cabeça no pescoço dele. — Desculpe.

— É o chá. — Sua risada ressoa profundamente em seu peito.

— Sua mãe batizou o chá? — Estou cansada demais para me surpreender.

— Você já deveria saber que ela é uma mestra herbalista e nunca vai desperdiçar uma caixa de Sleepy Time[14]. — Ele beija minha testa.

Penso na primeira vez em que visitei a loja dela e ela me preparou uma xícara de chá de hortelã e achei que era uma poção. — Ela é desonesta.

— Seus poderes fazem dela uma mãe interessante.

[14] Sleepy Time é uma marca de chá de ervas calmantes.

Suas palavras sinalizam uma lembrança em minha mente das conversas anteriores. Apesar de estar cansada, ainda tenho dúvidas.

Andrew pressiona o dedo no espaço entre minhas sobrancelhas. — Nada mais precisa ser compartilhado essa noite. Confie em mim.

Eu confio nele.

A sensação de sua mão deslizando sob a camisa que estou usando me distrai de procurar respostas. Antes do sono me arrastar, decido que preferia ficar nua com Andrew a me preocupar com sociedades secretas e professores suspeitos. Banindo as perguntas para um cubículo no canto da minha mente, eu o beijo enquanto meus dedos procuram o cós da calça dele.

* * *

— Você tem tempo para duas perguntas no caminho para o campus, se você for rápida. — Andrew aperta meu cachecol duas vezes e dá batidinhas na ponta do meu nariz.

— Você é um leitor de mentes agora? — Parada no hall de Sarah, eu ajusto meu chapéu e depois deslizo minhas mãos dentro de minhas luvas pretas super suaves de cashmere.

— Não, mas eu sou bom em ler sua linguagem corporal, lembra? — Ele abaixa a cabeça para me dar um rápido beijo nos lábios.

Minhas bochechas queimam com calor pensando na noite passada e no começo da manhã. — Vamos. Estou muito empacotada para ficar em lugares aquecidos.

Ele não se move e seu olhar azul-turquesa perfura o meu. — É isso que está fazendo você corar? Todas as suas camadas? Muito quente aqui?

O homem pode acender fogo com as mãos. Eu já vi isso sendo feito. Agora estou achando que ele também pode causar combustão espontânea em mim. Felizmente, ele se afasta alguns metros e me permite respirar um pouco.

— Você tem dúvidas, eu posso ter respostas. Ou pelo menos ideias. — Ele abotoa o casaco e abre a porta para mim.

Sam e Tate saíram mais cedo esta manhã, dando-me zero chance de interrogá-la. Esperançosamente, nenhuma casa cairá sobre nenhuma bruxa local, e nenhum macaco voador será libertado pelo resto do fim de semana, para que eu possa conversar com minha melhor amiga.

Quando passo pela porta, um flash preto perto dos meus pés chama minha atenção. Mistoffelees corre pela varanda e desce os degraus. Eu enrijeço esperando que ele vá para o ataque, mas em vez disso, ele pula em uma folha.

— O gato da sua mãe é estranho. — Eu mantenho meus olhos na bola de pelo preto enquanto caminhamos para o portão.

— Eufemismo do ano. — Andrew ri, pegando a minha mão.

Distraída pelo gato e pelo toque de Andrew, eu momentaneamente me esqueço de estar obcecada pelas perguntas não respondidas rodando na minha mente. Nós já estamos na

esquina quando eu pergunto: — Dr. Philips fala com sua gata e sua gata responde?

Ele aperta meus dedos com os dele. — Algo assim.

— Você acha que Mildred tem nos seguido há meses?

— Parece provável. — Seu tom é completamente perplexo sobre esse fato.

— Isso não te incomoda? A gata espiã relatar a Philips sobre nossos movimentos e paradeiro. — Viro a cabeça para checar a reação dele. Quanto mais eu penso em Mildred nos seguindo e depois reportando ao seu dono, mais eu enlouqueço. — Super assustador.

— Nunca pensei sobre isso dessa maneira. — Ele levanta um ombro em sinal de indiferença. — Gatos estão em toda parte nesta cidade. Não tenho pensado muito sobre eles. É completamente normal ver gatos nas ruas ou lojas.

— Qualquer coisa em Salem é realmente normal? — Eu pergunto, franzindo o nariz.

— Bom ponto. — Ele ri.

— Há mais familiares além de Mildred? — Eu pergunto, nada animada para descobrir que há uma rede secreta, um FBI felino, perambulando pelas ruas.

— Até onde sabemos, ela é a única. Embora houvesse uma gaivota de olhos ardilosos perto do cais na semana passada. Eu juro que ela me deu um olhar sujo cheio de desdém.

Sua piada não me tranquiliza.

— E Philips? — Eu pergunto, medo revirando meu estômago. — Você confia nele?

— Ele é meu padrinho. — Sua voz é suave, mas tem zero de dúvida. — Minha mãe não teria convidado se não confiasse nele.

— Você nunca viu os filmes do *O Poderoso Chefão*? Não é exatamente reconfortante. E quanto ao Whitey Bulger[15]? Ele não era o padrinho de alguma pobre alma? Acho que essa pessoa acabou jogada no porto ou em uma cova rasa sem identificação.

Andrew para abruptamente, empurrando meu braço para trás. — Você está comparando seu professor de inglês e o gato dele com o ex-chefe da máfia de Boston? Estou numa posição difícil, mas estou confiante de que ele nunca ordenou uma surra em ninguém.

— Tanto quanto você sabe. — Com um sorriso, eu ecoo sua advertência anterior. — Não me faça essa cara.

— Que cara? — Ele levanta as sobrancelhas em uma expressão neutra.

— A cara de 'você é louca'. Eu reconheço isso da noite em que me manchei e acabei cheirando como uma galinha assada.

Seus lábios se curvam em um meio sorriso. — Mmm, por acaso eu amo uma deliciosa galinha assada. E por galinha, quero dizer você. — Ele faz uma pausa e suas sobrancelhas se juntam. — Uau, isso foi realmente horrível.

Apertando meus lábios, tento não rir dele. Tento e falho.

---

[15] Whitey Bulger é um ex-chefe de gangue irlandesa, acusado de 19 assassinatos.

— Não ria. Você acha meus encantos desajeitados irresistíveis. — Ele solta minha mão para colocar seu braço ao redor dos meus ombros, me puxando junto a seu lado.

— Você me encantou com seu silêncio pensativo. Eu não tinha ideia de que você tinha uma obsessão por galinhas. — Meu ombro bate em seu lado quando eu rio. Isso é legal. Normal. Nenhuma ameaça sem sentido ou gatos estranhos que são super gatas. Sem Lucy Kitty ou livros de magia. Ou neblina azul do passado. Só nós. Duas pessoas apaixonadas.

Eu me permito aproveitar o momento em vez de tentar resolver todos os mistérios.

Nós andamos o resto do caminho para o campus sem fazer perguntas. Sem falar nada.

* * *

Nossa bolha feliz dura o resto do fim de semana e até o começo dela. Principalmente porque intencionalmente evito fazer perguntas sobre qualquer coisa relacionada ao coven ou magia. Andrew continua me dando oportunidades, mas eu dispenso. Ou distraio-o com beijos e, se estivermos sozinhos, com mais.

Finalmente, na terça-feira, Sam e eu nos encontramos em nosso dormitório.

Caída na minha cama de solteiro, eu me rodeio com travesseiros e olho para Sam, que se recusa a encontrar o meu olhar.

— Aham, — eu digo depois de alguns minutos constrangedores de ser ignorada.

— Nada aconteceu. — Ela suspira com frustração enquanto senta em sua cadeira.

— Defina nada. — Oh, ela não vai escapar tão fácil. — Algo parecia estar acontecendo lá na Sarah.

— Você acha que sim, mas se estivesse prestando atenção, e não transando com Andrew no sótão, você poderia ter percebido a tensão. É claro que Tate continuava suavizando a energia, como ele faz.

Eu estudo minha melhor amiga até ela se contorcer. — Não. Não estou engolindo essa.

— Eu notei que você não negou ter transado com Andrew. Já estava na hora. — Ela sorri para mim.

Embora eu concorde, ainda jogo um travesseiro nela. — Não o bastante. Temos sido distraídos. Há um livro secreto e posso ver pessoas mortas. A vida está cheia de coisas broxantes.

— Você vê o passado o tempo todo agora? — Ela pergunta.

— Não, eu tenho que me concentrar, ou estar beijando Andrew, para que isso aconteça.

— E no campus? Você viu alguma coisa aqui desde que voltamos?

— Não tenho tentado ultimamente. Eu estou mantendo a luz fantasma em fogo brando por enquanto.

— Você não está curiosa? — Sam se inclina para frente. — Pode ser fascinante.

— Ou horrível. Não tenho certeza do quanto posso controlar. E se eu vir fantasmas de estudantes mortos? — Pressionando meus lábios, eu balanço minha cabeça. Andrew e eu conversamos sobre testar minhas habilidades, treinando-me para me mover facilmente entre o passado e o presente, mas tenho sido resistente, hesitante. E um pouco medrosa.

— Você não vai saber a menos que tente. — Ela se levanta e depois caminha até a cômoda. Pegando suas cartas, ela senta em sua cama. — Vamos ver o que as cartas dizem. Elas nos guiarão.

Quando ela me entrega o baralho de tarô, eu o pego, sentando e cruzando as pernas. — Embaralhe, — ela instrui. — E pense sobre suas perguntas.

Eu fecho meus olhos e me concentro. Imagens passam pela minha mente. O livro. Lucy. Kitty. Mildred. Andrew. Sarah. Philips. Boston. Minha avó. A fazenda. As sepulturas. Neblina azul. Dinheiro. Corda. Ossos. Muitos ossos.

Uau. Isso ficou obscuro.

Minhas mãos param de misturar e eu abro os olhos.

— O que há de errado? — Sam parece preocupada.

— Nada. Por quê?

— Você está pálida e tem um brilho selvagem em seus olhos. Como se você tivesse visto um fantasma. — Ela engole visivelmente. — Você viu? Há um fantasma no nosso quarto?

— Não? — Minhas palavras saem como pergunta.

— Maddy. Você tem que ser honesta comigo. — Ela coloca as cartas em seu edredom.

— Eu vi corda e ossos quando me concentrei nas cartas. Pilhas de ossos. Sem fantasmas. — Um tremor passa por mim.

— O que mais? — Ela vira as duas primeiras cartas para revelar o Enforcado e a Morte.

— Dinheiro.

Uma batida na porta nos interrompe. Nós duas viramos a cabeça em direção ao som, mas não nos movemos para nos levantar.

— Esperando Andrew? — Ela pergunta, devolvendo as cartas ao baralho.

— Não. Tate?

Balançando a cabeça, ela diz. — Ele tem uma reunião de AR.

— Talvez seja Grace?

— Madison? Você está aí? — A voz de Lucy Kitty atravessa a porta.

Eu ergo o dedo até a minha boca, silenciosamente dizendo a Sam para ficar quieta.

— Sam? — Mais batidas se seguem e então a maçaneta da porta gira. Não me lembro de trancar a porta, mas não se abre.

— Eu acho que elas não estão aqui. — Lucy Kitty diz a alguém. — Vamos verificar a biblioteca. Se eu fosse um livro, estaria escondido em uma biblioteca.

Meus olhos se arregalam, espelhando a expressão de Sam. Quase sem me mexer, pego meu telefone e mando mensagem para Andrew.

Lucy está aqui e sabe do livro.

* * *

Alguns minutos depois, Andrew e Tate aparecem em nosso quarto.

— Você viu Lucy? — Eu examino o corredor.

— Nenhum sinal dela ou de Hamilton. — Andrew senta-se ao meu lado na minha cama enquanto Tate permanece em pé.

— Falar de um livro não significa que eles saibam sobre *o* livro, — diz Tate.

— Verdade. — Eu tento deixar suas palavras me confortarem.

— Como ela poderia saber? — Eu pergunto.

— Sra. Howe é a avó dela, certo? — Sam pergunta.

— Elas são afastadas e não se falam, — eu a lembro.

— Ou assim nos disseram. — Andrew se levanta e anda. — Acho que precisamos verificar com Philips e visitar a sociedade esta semana. Eles podem ter respostas.

— Podemos confiar nele? — Sam faz a pergunta que está pesando em minha mente. Eu sei o que Andrew disse, mas ultimamente eu estou em um tipo de humor de “não confiar em ninguém”. Exceto, claro, as pessoas nesta sala.

— Você e Madison com suas dúvidas. Eu vou te dizer o que disse a ela. Minha mãe confiava nele com a minha alma. Acho que é razão suficiente para não termos que nos preocupar com ele. — Andrew faz uma pausa. — Ele nos ajudou quando a maldição foi ativada, ele está do nosso lado.

Eu encontro o olhar de Sam.

— Também confio nele, — confirma Tate. — Sra. Howe e sua neta, por outro lado...

Ele não precisa terminar sua frase.

Andrew tecla no telefone. — Mandando uma mensagem para Sarah. Precisamos ir a Boston o mais rápido possível.

* * *

Na tarde seguinte, o mais improvável grupo de viagem já visto se reúne na estação de trem em Salem. Sarah e o Dr. Philips chegaram juntos e tem falado em voz baixa. Eu continuo tentando escutar, mas não ouvi nada de interessante.

— O que você pode nos dizer? — Eu pergunto, mais uma vez impaciente por respostas.

— A Wicked Society está localizada em um prédio de arenito perto da Charles Street. Nós vamos nos encontrar com o atual diretor, Geoffrey Gardner. Ele foi informado sobre os eventos recentes. — Sarah me dá um sorriso caloroso. — Estou otimista que teremos todo o apoio deles.

— Você pode voltar um pouco? O que ou quem é a Wicked Society? — Sam pergunta. — Eu procurei online e nada. Nem uma única menção ou endereço.

— Claro, não haverá nada online. O edifício está registrado com outro nome. — Philips dá um olhar severo a Tate.

Tate nos dá um único aceno. — É uma propriedade Winthrop. Uma das aquisições menos importantes do século XIX. Muito pequeno para ser de algum interesse para os meus primos gananciosos, se eles se preocuparem em verificar os registros da família e descobri-lo.

— Uma sociedade secreta de bruxas alojadas em um prédio esquecido? — Eu não posso esconder o meu temor.

— A maioria dos covens prefere ficar longe do radar público. Esse não é diferente. Eles não são os únicos que mantêm um comportamento discreto. Com quem, ou para quem quer que Stanford esteja trabalhando, seria conhecido da Wicked Society.

— Por que você já não sabe? — Eu pergunto. — Você não é a bruxa mais poderosa de Salem? Você não deveria saber o que está acontecendo em Boston?

— Eu nunca finjo saber tudo. — Depois das minhas acusações, o tom dela é defensivo. — Como prefiro me concentrar na luz, só conheço as fofocas locais sobre os cantos mais sombrios da feitiçaria. Eu tenho minhas suspeitas, mas nenhuma confirmação. Esta tarde deve te fornecer mais das respostas que você procura.

O trem entra na estação, interrompendo toda a conversa.

Nós embarcamos e encontramos lugares juntos. Andrew e eu nos sentamos do outro lado do corredor de Tate e Sam, enquanto Philips e Sarah sentam nos bancos de frente um para o outro, na parte de trás do vagão do trem.

— Você está nervoso? — Eu pergunto a Andrew.

— Um pouco. Eu nunca estive dentro da sede da Sociedade antes. Isso deve ser interessante. — Ele dá a minha mão um aperto reconfortante que falha em me tranquilizar.

— Interessante é uma maneira de colocar isso, — murmuro, olhando pela janela.

Capítulo Sete

Nosso grupo heterogêneo marcha por uma calçada íngreme subindo uma rua estreita de Beacon Hill. Além de olhar as vitrines da Charles Street, nunca passei tempo nas estreitas ruas de paralelepípedos que compõem um dos bairros mais ricos de Boston. Olhando para Sam para ver se ela está pirando, eu tropeço em um tijolo irregular na calçada. Felizmente, Andrew está segurando minha mão e me impede de beijar o chão.

— Aqui estamos nós. — Tate para na frente de um prédio vitoriano de arenito.

A única coisa exclusiva sobre o prédio de quatro andares é uma pequena janela saliente que se projeta do segundo andar como uma Tardis[16] preso ao exterior.

— Você vê a Tardis? — Eu pergunto a Andrew, sussurrando sem motivo.

Assentindo, ele aperta minha mão. — Talvez o médico possa nos ajudar.

É bobo, mas eu o amo um pouco mais por brincar também com minha obsessão por Doctor Who[17]. — Você ainda tem sua fantasia de Halloween?

Seus lábios se curvam uma fração, formando um pequeno, mas perverso sorriso. — Talvez. Você ainda tem aquela minúscula saia?

---

[16] Tardis é uma máquina do tempo em formato de cabine de polícia do seriado britânico Dr. Who.
[17] Doctor Who é o viajante da Tardis.

Por alguns segundos, eu esqueço onde estamos e com quem estamos, enquanto encaro seus claros olhos azul turquesa. O Halloween parece ter sido um milhão de anos atrás.

O som abafado de sinos estoura a bolha entre Andrew e eu, lembrando-me de nossa localização e missão.

— Eles estão nos esperando? — Sam pergunta por trás de Tate, que está mais perto da porta.

— Claro. Nós nunca apareceríamos sem avisar, — zomba Philips. — Não só é rude, mas quando se trata da sociedade, as surpresas podem ser perigosas.

Meus olhos se arregalam e estou prestes a pedir mais explicações, mas o som da abertura das trancas atrai minha atenção para a entrada. Eu meio que espero que a porta guinche em suas dobradiças enquanto se abre.

O que eu não antecipo é quem atende. A princípio, acho que deve ser uma estranha semelhança, porque não há como o homem parado do outro lado da soleira ser o mesmo homem que apareceu na mansão Winthrop.

— Oficial Smith, — diz Tate no mesmo tom entediado que usou antes para cumprimentar o homem de meia-idade. Um terno nitidamente feito sob medida substitui o uniforme da polícia de Marblehead que ele usava durante nosso primeiro encontro em dezembro. Seu cabelo castanho claro está curto e usa óculos de armação de metal quadrada sobre os olhos castanhos.

— Sr. Winthrop. É bom ver você de novo. — Smith estende a mão para Tate. — Peço desculpas pela a última vez que nos encontramos. Às vezes fico um pouco empolgado, como uma criança com um brinquedo novo.

Aceitando sua mão com um aperto amigável, Tate sorri para Smith. — Seu mau gênio faz a verdadeira polícia de Marblehead se envergonhar. Você deve considerar dar seminários de treinamento no seu tempo livre.

— Certo. Quando eu encontrar algum, vou me certificar disso. — O foco de Smith se desloca sobre o ombro de Tate. Quando nossos olhos se encontram, sinto a pressão da formação de uma dor de cabeça por um segundo, antes que ela desapareça. Seu tom é formal e amigável quando ele fala novamente. — Bem-vindos à Wicked Society. Por favor, entrem.

Depois de olhar atrás de nós para examinar a rua estreita, ele dá um passo para trás, permitindo que a porta se abra completamente. Um grande lustre de latão reflete a luz em torno de um foyer forrado com painéis de madeira escura, no típico estilo discreto da prosperidade de Boston.

Sarah e Dr. Philips entram pela porta, oferecendo calorosas saudações a Smith enquanto Sam e eu trocamos olhares arregalados de “que raio é isso agora”.

— Andrew? — Eu finalmente encontro minha voz.

Ele dá um aperto na minha mão. — Está tudo bem. Nós vamos explicar mais logo que entrarmos.

— Não. — A palavra sai antes que perceba que sou eu quem está falando.

— É melhor você não demorar do lado de fora, — diz Smith, sua voz gentil, mas um pouco impaciente. — Você está segura aqui.

Eu ainda não confio nele. A pressão por trás dos meus olhos desapareceu, mas estou no limite. Algo profundo dentro de mim está avisando que uma vez que eu entrar, nada será o mesmo novamente.

— Tem certeza que você não é um policial? — Eu pergunto como se fosse uma traficante de drogas em um episódio de *Lei e Ordem.*

— Não exatamente. — Smith me dá um sorriso caloroso. — Mas eu amo um carro com suas próprias luzes piscantes.

Sua risada deveria me tranquilizar, mas isso não acontece.

A mão de Andrew pressiona a parte inferior das minhas costas, me incentivando a avançar.

Nós seguimos Smith, se esse é o seu nome verdadeiro, para dentro e através do piso de mármore preto e branco do foyer. Ele nos leva por uma escada curva, para uma sala de estar cheia de sofás de couro e poltronas de veludo, dispostas em torno de várias mesas ancoradas em grandes tapetes antigos cor de vinho. O espaço parece saído direto de um clássico clube privado, e a única coisa que falta é um monte de homens idosos grisalhos, folheando seus jornais enquanto fumam charutos.

— Sentem-se. Geoffrey vai descer em alguns minutos. Alguém deseja tomar chá? Cookies? — Smith oferece, soando como um anfitrião atencioso.

— Ambos soam maravilhosos. — Philips se acomoda em uma profunda cadeira verde oliva.

Eu permaneço em pé até que Smith nos deixe.

— O que está acontecendo? — Eu sussurro para Sarah, que está sentada no canto do sofá em frente à Philips.

— Você precisa ser mais específica. — Ela dá um tapinha na almofada ao lado dela, silenciosamente indicando que eu deveria sentar.

— Por que o policial está aqui? — Pergunto.

— Eu posso ter mentido no solstício, — Tate confessa, reivindicando uma cadeira ao lado de Philips. — Não houve um alarme silencioso naquela noite, pelo menos não um que uma empresa de segurança iria responder. Eu peguei uma nova energia na sala depois que a Sra. Howe explicou sobre Lucy ser sua neta. Houve uma mudança abrupta em seu campo quando ela compartilhou essa informação.

— Eu liguei para ele, criando uma desculpa para ele sair da sala. — Sarah interrompe. — Nós precisávamos encerrar a reunião antes que mais informações fossem compartilhadas.

— Você está dizendo que a Sra. Howe é uma espiã? — Eu me sento no sofá, me sentindo sobrecarregada com cada nova revelação hoje.

— Você se lembra de seu tricô? — Sarah pergunta. — No começo eu pensei que era um padrão de sementes, mas à medida que a noite avançava, percebi que era mais uma série de pontos e traços.

— Código Morse? — Andrew cai ao meu lado no sofá, e então pega minha mão novamente.

— Um código de algum tipo. — Sarah torce sua boca em decepção.

— Ela estava tomando notas de tudo sendo dito? — Pergunto, preocupada com tudo o que foi compartilhado em torno do fogo.

— Parece que sim, — Sarah responde com um suspiro. — Assim que Tate nos disse que a polícia estava a caminho, a Sra. Howe foi a primeira a decidir sair.

— Talvez ela tivesse mais do que tricô em sua bolsa. — Philips levanta as sobrancelhas antes de limpar a garganta. — Conheço Marjorie Howe a mais décadas do que a maioria de vocês esteve vivo. Eu sei que ela é leal ao coven, mas a família dela vem em primeiro lugar. Se Lucy e sua mãe estão pressionando-a, é provável que ela as coloque acima de qualquer juramento.

— Assim que Lucy deve ter ouvido sobre o livro. — Eu paro quando outro pensamento vem à mente. — E como ela sabe sobre Mildred.

Os dedos de Andrew param no meio de um afago no meu pulso. — Se ela sabe, ela pode ser o elo entre Salem e meu pai.

Passos sobre a madeira de lei nos alertam para o retorno de Smith, que volta carregando uma verdadeira bandeja de chá de prata cheia, com bule e xícaras, junto a uma pequena torre contendo uma variedade de biscoitos.

— Você é um excelente anfitrião. Muito melhor do que eu conseguiria ser. — Da porta, outra voz masculina complementa Smith. — Eu me desculparia por manter vocês esperando, mas acho que tudo está mais do que bem.

Um homem de trinta e poucos anos, com a pele pálida e o cabelo escuro que roça o colarinho da camisa, atravessa a sala para nos cumprimentar, com um sorriso caloroso no rosto e os olhos escuros brilhando. — Obrigado por terem vindo até a cidade. Adorável ver vocês.

Junto com sua camisa branca, ele está vestido com calça de lã cinza e sapatos marrons estilo Oxford.

Ele aperta a mão de Philips antes de se inclinar para beijar a bochecha de Sarah. — Como sempre, é um prazer estar na sua companhia.

— Geoffrey. — Sarah sorri para ele e eu juro que é um pouco de paquera. — Já faz muito tempo.

— Anos. — Ele devolve seu sorriso antes de me encarar. — Você deve ser Madison. Eu tenho ouvido muito sobre você.

— Você tem? — Incrédula, eu olho para Sarah e Andrew.

— Claro. É uma honra conhecê-la. — Ele estende a mão e, por um breve instante, posso vê-lo se curvar em uma corte ou beijar a mão de uma dama. Ele exala cavalheirismo e charme de outra época.

Eu solto a mão de Andrew para apertar a de Geoffrey. Quando a nossa pele toca, uma onda de calor e segurança me atravessa.

Antes que eu possa comentar, ele solta minha mão e vai até Andrew, cumprimentando-o e Tate com apertos de mão amigáveis.

— E por último, mas não menos importante, Samantha. — Geoffrey para na frente da cadeira de Sam.

— Eu não sou uma bruxa, — ela deixa escapar e depois cobre a boca com a mão. — Não do jeito que eles são.

Isso lhe rende uma risada do nosso anfitrião. — Toda bruxa tem um presente único. Não há duas iguais.

Sarah cantarola de acordo. — Eu tenho fé em Sam. Ela já está craque com um baralho de tarô. Se ela não for parte bruxa do vento[18], eu vou desistir de chocolate.

Andrew bufa. — Certo. Isso nunca acontecerá.

— Então eu não devo estar errada. — Sarah acena com confiança.

Nós nos servimos de cookies enquanto Smith serve chá para todos. Uma vez que estamos acomodados, Geoffrey arrasta outra cadeira, completando o círculo.

— Agora, como podemos ajudá-los? — Ele toma um gole de chá da delicada xícara antes de recolocá-la no pires e deixá-la numa

[18] Seria uma aprendiz de feiticeira, bruxa.

pequena mesa de canto. — Eu suponho que esta visita seja sobre o livro que Madison localizou?

— Acreditamos que é o livro de nossas árvores genealógicas. — Philips se mexe na sua cadeira. — Aquele que pensamos ter perdido.

— Eu não entendo o que é tão importante sobre um livro de genealogia. Alguém com acesso a um desses sites de ancestralidade não conseguiria obter a mesma informação? — Sam faz a pergunta que está em minha mente.

— Claro, mas as datas de nascimento ou morte de alguém não explicam que poderes mágicos estavam presentes durante a vida. Magia descende nas linhas matriarcais, muitas vezes ignorando irmãos ou gerações inteiras. Os dados do censo são como uma pedra saltando na superfície da informação contida no livro que você redescobriu.

Philips fala. — Por meio milênio, puritanos e bruxas foram atraídos um pelo outro. A curiosidade contribui com estranhos laços.

Sarah murmura: — E até mesmo estranhos companheiros de cama.

— É um duplo espiral de dois mundos paralelos, interconectados por casamentos e crianças que carregam o DNA de ambos os lados. — Geoffrey continua. — Ao longo dos anos, outras linhagens entraram na equação, tornando mais difícil rastrear a magia.

— Se os poderes se revelam em torno de vinte e um, por que a linhagem é importante? — Sam pergunta, um leve toque de amargura em sua voz. — Soa como você é ou não é uma bruxa.

Sarah franze a testa antes de falar. — Há um pequeno grupo que deseja controlar todo o poder da magia, e dentro desse grupo, há aqueles que desejam destruí-la completamente.

— Esse não é sempre o caso? — Pergunta Andrew, com uma voz rouca e pesada. — Alguns idiotas sedentos de poder ficam gananciosos e estragam tudo?

Geoffrey ri. — Em poucas palavras. É da natureza humana tanto o medo quanto o desejo de controlar o que não entendemos.

— A bruxaria está em todo lugar hoje em dia. Salem ostenta tudo relacionado à bruxaria, — diz Sam. — Por que a necessidade de uma sociedade secreta?

Estudando-a, Geoffrey junta os dedos abaixo do queixo. — Você respondeu sua própria pergunta. À medida que mais indivíduos aceitam a existência da magia e se tornam mais abertos a poderes que não podemos explicar com ciência ou lógica, haverá uma reação contrária daqueles que desejam que o mundo permaneça o mesmo, ou até voltar ao tempo de quando tais coisas eram perseguidas. Eles se apegam a uma falsa esperança de que podem dobrar o mundo à vontade deles.

O suspiro de Sarah é mais um gemido, que ela segue com um revirar de olhos. — Eu acho engraçado, de uma maneira nada

divertida, que a forma como eles estão escolhendo combater a magia é com as formas mais sombrias dela.

A maldição de Andrew e o roubo na fazenda surgem em meus pensamentos.

— A magia do cadáver e os ladrões de ossos? — Pergunto. — Alguém roubou ossos de meus ancestrais da fazenda.

— Sim, estamos cientes. — Geoffrey toma seu chá. — A Sociedade tem acompanhado todos os desenvolvimentos recentes.

Seu tom arrogante e sorvos de chá não me tranquilizam.

— Quem está por trás desses eventos? — Eu pergunto, cruzando os braços em desafio, pensando que já sei as respostas.

— Além do meu pai, — acrescenta Andrew. — E quanto a Lucy Putnam? — O olhar de Geoffrey se dirige para Philips e depois para Sarah.

— Fale livremente, — Sarah instrui. — Nós não os teríamos trazido se não estivéssemos confiantes de que eles poderiam lidar com o que descobrirmos aqui hoje.

— Se você tem certeza. — Geoffrey concorda. — Sim, Stanford está profundamente envolvido. Seu clube privado parece ser uma fachada, assim como a caridade que ele está apoiando com grandes doações. Os Putnams também são membros do clube e do conselho da mesma organização sem fins lucrativos.

Andrew exala uma respiração resignada. — Ótimo.

— Infelizmente, isso não é uma informação surpreendente, — diz Sarah, parecendo resolvida, mas cansada. — Precisamos identificar a bruxa que está ajudando.

— Poderia ser a Sra. Howe? — Sam pergunta.

— Não sozinha, — responde Geoffrey.

— E a filha distante? Ninguém a mencionou. O poder das três e tudo? Estou me agarrando a qualquer possibilidade.

— Sra. Howe disse que não fala com a filha há anos e não sabe se Lucy desenvolveu os poderes, — lembra-me Andrew.

— Ela estava mentindo. — De pé, Tate começa a andar. — Essa é a mudança na energia. Suas lágrimas e a triste história sobre o distanciamento da família eram mentiras destinadas a cobrir seus rastros.

Philips se endireita na cadeira enquanto os pelos dos meus braços se arrepiam. — Como deixamos isso acontecer?

— Nós vimos o que pretendíamos ver, — Sarah fala suavemente. — Isso tudo faz sentido. As histórias familiares entrelaçadas sempre nos conduziram a esse momento, em que devemos nos posicionar contra as trevas por nosso passado comum.

Um arrepio percorre minha espinha. Minha mente começa a conjurar uma batalha épica nas ruas de Boston, entre pessoas vestidas de puritanas e mulheres empunhando vassouras como armas. Na minha visão, as vassouras têm lasers e os puritanos são ninjas.

— Eu tenho uma proposta. — Geoffrey se levanta e junta às mãos.

— Qual é? — Tate pergunta, encostando-se no enorme revestimento da lareira.

— Eu gostaria que vocês quatro passassem o verão trabalhando para a sociedade. Treinando, mas também fazendo algum trabalho para nós. Um arranjo mutuamente benéfico que pode ajudar a todos.

— Você está nos oferecendo estágios? — Eu pergunto, tentando assimilar o tipo de treinamento que ele poderia oferecer.

— Acho uma ideia maravilhosa. — Philips mastiga um biscoito e continua falando com a boca meio cheia. — Eu já me sinto melhor sobre esta situação.

Bom pra ele, porque eu tenho pouca certeza de qualquer coisa agora.

— E o livro? E os fantasmas? E os ossos dos meus parentes mortos?

— Com os feitiços adicionais de proteção de Smith e os encantamentos existentes nas fazendas Winthrop e Corey, eu me sinto confiante de que é seguro por agora. — Geoffrey dá um breve aceno. — Quanto aos seus fantasmas, mal posso esperar para descobrir a extensão de suas habilidades. Uma bruxa espiritual é uma adição maravilhosa à Sociedade.

Bruxa espiritual? Eu?

— E se algo acontecer entre agora e o verão? — Sam pergunta. — Eu duvido que Lucy simplesmente suma e desista.

— Não? E se ela receber um convite de última hora para estudar no exterior em Londres? Com uma bolsa de estudos completa e um estipêndio? — Uma faísca maligna dança nos olhos de Geoffrey. — Duvido que ela seja capaz de resistir à viagem dos seus sonhos por algum livro velho e enfadonho.

— Você pode fazer isso? — Eu pergunto, cheia de descrença e admiração.

— Está feito. Ela sai na semana que vem. — Smith entrega a Geoffrey um envelope retangular do tamanho de um cartão de visitas. — Como você pediu, Sr. Gardner.

Eu acho a formalidade de Smith estranha. Algo sobre isso me deixa no limite, e não apenas por causa do sinal de dor de cabeça que tenho ao redor dele.

— Obrigado. — Geoffrey abre o envelope grosso e tira quatro cartões pretos. De onde eu sento, eles aparecem em branco. — Assumindo que vocês não iriam rejeitar minha oferta de estágio, eu vim preparado. Estes são os seus cartões-chaves para entrar no edifício. Preferimos entrar pelo beco em vez da porta da frente. Para evitar muito tráfego de pedestres e vizinhos intrometidos. A última coisa que precisamos é que alguém fique curioso ou fofoque sobre nós para as pessoas erradas. Como vocês devem entender, o sigilo é importante para a Sociedade. Não mencionem isso a ninguém fora deste edifício. Se alguém perguntar, todos vocês estão estagiando nos arquivos da família Winthrop durante o verão. Impossivelmente tedioso e chato.

— Ei, — exclama Tate. — Nós não somos tão chatos. Oh, espere, sim nós somos.

Sam ri de suas palavras. Trabalhar ao lado de Tate durante um verão inteiro é o Natal e o aniversário dela juntos num só.

— Onde vamos morar? — Sam pergunta.

— Temos quartos no andar de cima nos aposentos dos antigos criados e uma equipe completa de cozinha. Você ficará confortável e a jornada é imbatível, — explica Smith.

Eu me pergunto se ele e Geoffrey também vivem no local. Talvez esta casa seja uma Tardis e seja muito maior do que parece do lado de fora.

— Nós temos um acordo? — Geoffrey pergunta ao grupo. — Poderíamos usar seus conhecimentos e apoios. Com os seus poderes, teremos melhores chances de vencer as forças que a Sra. Howe reuniu.

Suas palavras lembram-me que há um inimigo fora deste edifício, uma traidora entre nós que quer o livro e está disposta a mentir para o coven para adquiri-lo de qualquer maneira.

Andrew aperta meus dedos. — Madison?

Uma luz azul brilha perto das janelas, tirando minha atenção para o canto mais distante. A mulher de vestido elegante e preto brilha, em forma não exatamente sólida, mas mais que uma sombra. Encontrando meu olhar, ela bate o dedo na boca, me avisando para ficar quieta. Eu dou-lhe o menor aceno e então ela pisca para mim quando começa a desaparecer.

Eu me conforto em saber que ela está aqui. A piscada deve ser um bom sinal. Tenho a sensação de que ela será a chave para resolver nossos mistérios remanescentes.

— Tudo bem? — Andrew sussurra perto do meu ouvido, sua respiração quente na minha pele.

Deslocando meu olhar do canto para o rosto dele, eu dou-lhe um pequeno sorriso. — Com você ao meu lado, eu sei que ficará. Eu amo você, Andrew.

Ele pressiona um beijo na minha têmpora. — Eu amo você, Madison Bradbury, e sempre amarei.

Sociedades secretas e novos covens são muito mais interessantes do que sair com garotos sapos em festas chatas fora do campus. Se aprendi alguma coisa nos últimos meses, é ser cuidadosa com o que desejo.

Magia está ao nosso redor, esperando para ser chamada e usada.

As palavras têm poder e a palavra mais poderosa de todas é amor.

Epílogo

Andrew

Três meses depois...

Eu não sei que tipo de magia minha mãe e o resto da gangue dos veteranos do Coven colocaram em prática, mas os últimos meses têm sido discretos ao ponto da normalidade, às vezes até chatos.

Não incluindo Madison, claro.

Nada nela é entediante. Ela é incrível.

E eu sou um cara sortudo.

Depois de enfrentar o meu pai e encontrar o livro negro, eu aceito o máximo de normalidade e banalidade que possa tomar. Uma vida mais comum parece boa para mim.

Sob a proteção da magia do coven, Madison e eu namoramos como pessoas comuns, no intervalo das aulas, tanto da faculdade quanto das de feitiçaria. Nada extravagante e, sobretudo coisas estereotipadas, como filmes e devorar programas da Netflix, mas funciona para nós por enquanto.

Assim que arrumarmos nossas coisas neste fim de semana e sairmos dos dormitórios, o peso de nossa realidade retornará.

Primeiro, tenho que passar pela formatura hoje.

Infelizmente, meu pai estará presente.

Evitei vê-lo pessoalmente desde dezembro, nosso maior intervalo de todos os tempos e ainda assim não foi o suficiente.

Durante os discursos de formatura, que falam com voz monótona, incessantemente, sobre nossos futuros brilhantes e caminhos abertos a percorrer, minha mente se dirige para Madison. Ela é muito mais interessante do que qualquer coisa sendo dita no palco esta tarde. Eu sei que ela está em algum lugar atrás de mim na multidão, provavelmente sentada com minha mãe e Sam. Tate senta-se a alguns lugares abaixo de mim. Na minha visão periférica, posso ver seu joelho saltando, não de nervosismo, mas de tédio.

Neste fim de semana nos mudamos para Boston e começamos a trabalhar para a infame Wicked Society. Todos os quatro. Mal posso esperar.

Mesmo estar na mesma cidade que meu pai e seu clube impossivelmente pretensioso não podem impedir minha expectativa.

Um verão inteiro com Madison no mesmo prédio, trabalhando juntos, vivendo juntos, e dormindo, ou não dormindo juntos é a minha ideia de céu.

Eu não sei o que descobriremos quando começarmos a estudar o livro, ou que magia negra teremos que combater. Se tivermos que atravessar o inferno para acabar com esse conflito, Madison ao meu lado fará com que seja suportável.

Madison pode não compreender plenamente seus poderes, mas agora que ela abriu a porta entre o presente e o passado, ela não pode ser fechada. Aprender a controlar quem e o que passa por

ela será seu teste mais difícil. Eu gostaria que tivéssemos mais tempo.

O que eu tenho certeza é que Madison Bradbury é minha. Nenhuma maldição, nenhum velho rancor ou coração cheio de ódio quebrará nosso vínculo.

Assim é dito, assim será.